

ZERO

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, NOVEMBRO DE 2011 - ANO XXX, NÚMERO 3

EX-REITORES
AVALIAM UFSC ONTEM E HOJE



Eleição do dia 17
define quem ocupa
a principal cadeira
da universidade

ENTREVISTAS COM DILVO, IRINEU, KINOSHITA, PARANÁ E ROSELANE PÁGINAS 10 A 14

A corrida eleitoral para o cargo de reitor e a lenda do espião no Zero

Uma brincadeira se tornou a piada predileta na redação do Zero nos últimos meses. Ao notar que algumas das pautas do jornal laboratório estavam também rendendo matérias em outros veículos de comunicação, alguém exagerou: "Temos um espião por aqui!" A tese do "infiltrado" ganhou corpo e, a cada *déjà vu*, tínhamos sentimentos opostos: frustração por chegarmos depois e alívio pela sintonia com outras redações.

Como algumas das nossas reportagens ainda não tinham sido publicadas e saíram semelhantes em virtuais concorrentes, os repórteres do Zero perdiam parte do entusiasmo por terem sido "furados". O furo ainda é um desejo jornalístico. Furar é dar uma informação exclusiva e antes de todo o mundo. Para o repórter, é como marcar um golazo. "Ser furado" é tomar bola por entre as pernas.

No jogo do contente, resta a espe-

rança de que, se fomos furados, estamos na partida, na direção do gol. É pouco, claro, mas na redação do Zero tudo vira aprendizado.

Nossos repórteres precisam ser ágeis na apuração, não podem vaziar informações estratégicas da edição, nem ficar pelo caminho. Fazer um jornal laboratório não implica oferecer noticiário morno, desinteressante ou desconectado do real. Pelo contrário: a publicação deve ser competitiva, versátil e atrair a atenção de seu público como se disputasse um mercado altamente concorrido. Correr atrás disso tira a equipe de uma eventual zona de conforto, e motiva a enfrentar os desafios cotidianos de um veículo ser realmente importante para seu público.

Com isso em mente, esta edição mergulha na escolha do próximo reitor na Universidade Federal de Santa Catarina, alguém que vai responder por uma comunidade de mais de 40 mil pessoas e um orçamento previsto de R\$ 1,2 bilhão para o próximo ano.

Nossos repórteres acompanharam uma das campanhas mais concorridas da história. Abordaram alguns dos principais desafios para a próxima gestão, ouviram todos os homens que já passaram pela reitoria e dedicaram páginas inteiras para cada um dos candidatos ao cargo. Todos foram entrevistados com o cuidado de garantir espaço e atenção idênticos. A ordem em que aparecem é rigorosamente a mesma definida no sorteio da Comissão Eleitoral para a cédula de votação.

Desta forma, o Zero espera contribuir para a democracia na universidade, trazendo informações úteis, atuais e relevantes. No final de outubro, a Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) escolheu também seu novo reitor, após a consulta à comunidade acadêmica: Antonio Heronaldo de Sousa, com 63,3% dos votos. Que os eleitos na UFSC e Udesc tenham sorte, sabedoria e capacidade para enfrentar os desafios dos próximos anos.

OMBUDSMAN

RICARDO BARRETO

Melhorias, erros e riscos

Para quem tem apenas quatro números pra experimentar, a equipe atual reagiu e já demonstra que quer acertar. Na segunda edição, ou a turma se une e se fortalece ou se desintegra e cai no individualismo. Parece estar se materializando um saudável espírito de corpo, o que não significa que desapareceram os erros. Pautas estão mais assertivas, apurações, em geral, estão corretas mas a diagramação recuou, abusando no desrespeito ao uso da coluna-padrão e utilização de colunagens diversas na mesma página. A edição melhorou, errando pouco, mas ainda falta o *punch*, que quase sempre caracterizou a verve do Zero. A capa evoluiu mas, logo na 3, tratando de sua história em texto bem escrito mas superficial, cometeu-se equívoco grave que gerou a primeira errata dessa fase. Quando menciona uso de linotipia (processo de composição) o que deveria estar grafado era a referência ao processo tipográfico de impressão, característica jamais repetida na história do jornal. A reportagem também falhou ao omitir lembranças de Valente sobre sua experiência com as edições semanais - que devia ser resgatada.

Na entrevista com o técnico Jorge de Amorim Campos, a edição, como o entrevistado, "amarelou". Editar entrevistas com frase é recurso primário, que deve ser evitado porque impede que o jornal se posicione - além de absoluta preguiça mental. Mais erros: na 7, texto não explicou a sigla Aiesec. Na central, faltaram fotos dos personagens em conflito e um mapa para localizar o leitor sobre a área de cobertura da reportagem. Faltou serviço sobre livro *O preço do voto* (10), uma cartola de página foi publicada com erro (11) e na 12, pior diagramação da edição, faltou imagem, um gráfico retangular que não tomasse área prioritária do texto e pesquisa sobre consumo de álcool e drogas em SC e no país. Na 13, deveria ter sido feita descrição mais detalhada do acidente que matou um gari - ponto alto da reportagem e que foi minimizada.

Teimam em ser impressos tratamento indevido em siglas, apelidos, neologismos e estrangeirismos - páginas 7, 10, 11, 14. A cobertura fotográfica teve melhoras mas ainda está gerando fotos óbvias, sem movimento e apreensão do que é a reportagem - 6, 10 e 11. E, eventualmente, a diagramação contribuiu para maus resultados com "boneco" de meia página (!), recorte americano sofrível (4 e 5) e falta de senso ao valorizar mais "bonecos" do que fotos históricas do jornal. Nesse aspecto, recomenda-se prioridade na verticalização do design e veto para páginas com quatro colunas.

Por fim, o expediente de recorrer a iniciais ou nomes fictícios para camuflar fontes que não se assumem publicamente deve ser contido e evitado. Ou se encontram pessoas com coragem ou se abandonam as pautas. Como editor, só tolerarei esse uso uma vez e ainda hoje duvido da veracidade daquele texto. É oportuno lembrar que "repórteres" sem caráter já fraudaram o *New York Times* (36 vezes) e o *USA Today* (140) e a revista argentina *TXI*, enquanto são prática comum no alemão *Bild* e em alguns tabloides britânicos. Insistir nisso é jogar gasolina no fogo. O leitor desconfia e processos judiciais podem surgir. As lições do caso do extinto *News of the World* devem ser refletidas e assimiladas: sem credibilidade, jornais morrem mesmo.

Jornalista, professor, ex-diretor de redação e um dos criadores do Zero. Por 15 anos, Barreto comandou o jornal laboratório e, no ano 30 da publicação, assume como seu primeiro ombudsman. Próximo de completar três décadas, o Zero assume o desafio de iniciar uma relação mais aberta com seus leitores.

OPINIÃO

ONDE O LEITOR TEM VOZ

"Muito boa a matéria que revela a influência do Pida nas eleições pra Reitor. A história do 1º Linguição, com exigência de presença em troca de grana, é ótima, e a visita de candidato à TNT também é boa revelação. (...) Bom tiro do repórter mesmo! Aliás, gostei da capa também (embora pudesse ser mais incisiva no texto dentro), da recuperação da história dos 30 anos do jornal e, muito, do ombudsman (e de ler ombudsman...)"

Vitor Hugo Brandalise Jr. - La Coruña, Espanha

"A galera isolada do CCA curtiu muito receber o Zero! Queremos as próximas edições, aproveitem e filem um rango bom no nosso RU"

Gisele Monteiro - @gisele_floripa

"Quem acha que o Pida é só o ex-dono de um bar nos arredores da UFSC, precisa ler a bela reportagem sobre ele no Zero, jornal laboratório do curso de Jornalismo da Federal. Pida, quem diria, é personagem influente na vida acadêmica".

Rafael Martini, na coluna Visor do Diário Catarinense

"Parabéns por essa última edição! Ótimas matérias, ótimos jornalistas, deu gosto de ler. A matéria do Pida ficou sensacional!"

Tito Luiz Pereira - @titolp

PARTICIPE!

Mande críticas, sugestões e comentários

E-mail - zeroufsc@gmail.com

Telefone - (48) 3721-4833

Twitter - @zeroufsc

PISAMOS NA BOLA...

Na edição passada, o Zero errou o crédito da foto do professor Eduardo Meditsch, na página 3. A autora do retrato é Stéphanie Pereira. Por falar em foto, a da primeira página saiu sem os devidos créditos: Giovanni Bello. Nas páginas centrais, a reportagem publicada deveria estar na editoria Habitat, e não Jornada, como erroneamente foi publicada.

ZERO

JORNAL LABORATÓRIO ZERO Ano XXX - Nº 3 - Novembro de 2011 **REPORTAGEM** Bianca Enomura, Camila Garcia, Carolina Dantas, Cesar Soto, Daniela Nakamura, Erich Casagrande, Gabrielle Estevans, Gian Kojikovski, Ingrid Fagundes, Isadora Mafra, Jéssica Butzge, Joice Balboa, Luisa Pinheiro, Mariana Chiré, Mariana Della Justina, Marília Labes, Milena Lumini, Monique Nunes, Murilo Bonfim, Paulo Júnior, Rafael Spricigo, Stephanie Pereira, Thayza Meizer, Thiago Moreno, Tulio Kruse, Willian Reis **EDIÇÃO** Cláudia Xavier, Juliana Geller, Verônica Lemus, Vinicius Schmidt **EDITORAÇÃO** Giovanni Bello, Isadora Mafra, Luisa Pinheiro, Patrícia Pamplona **FOTOGRAFIA** Erich Casagrande, Giovanni Bello, Milena Lumini, Rafael Spricigo, Stephanie Pereira **CAPA** Giovanni Bello **APOIO** AGECOM, Wesley Klimpel **PROFESSORES-RESPONSÁVEIS** Rogério Christofoletti MTb/SP 25041 e Samuel Lima MTb/SC 00383 **MESTRANDA EM ESTÁGIO DOCÊNCIA** Janara Nicoletti **MONITORIA** Giovanni Bello e Patrícia Pamplona **IMPRESSÃO** Diário Catarinense **TIRAGEM** 5 mil exemplares **FECHAMENTO** 31 de outubro

Melhor Jornal Laboratório - 1 Prêmio Foca Sindicato dos Jornalistas de SC 2000

3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil EXPOCOM 1994

Melhor Peça Gráfica Set Universitário / PUC-RS 1988, 1989, 1990, 1991, 1992 e 1998

Coberturas marcadas pela paixão e política

Nos anos de 1980 e 1990 as reportagens eram editorializadas e assumiam uma posição crítica

O início do *Zero* se confundia com o das eleições diretas para reitor da UFSC. Menos de um ano após a criação do projeto, uma grande novidade chegava à Universidade: o direito de estudantes, professores e servidores votarem diretamente no candidato de sua preferência. Em 1983, o Brasil estava vivendo o período do movimento "Diretas Já" e pós-ditadura, o que acabou contagiando todos os níveis da sociedade. Era inevitável a democratização nas universidades e que os cursos de jornalismo tomassem uma posição política.

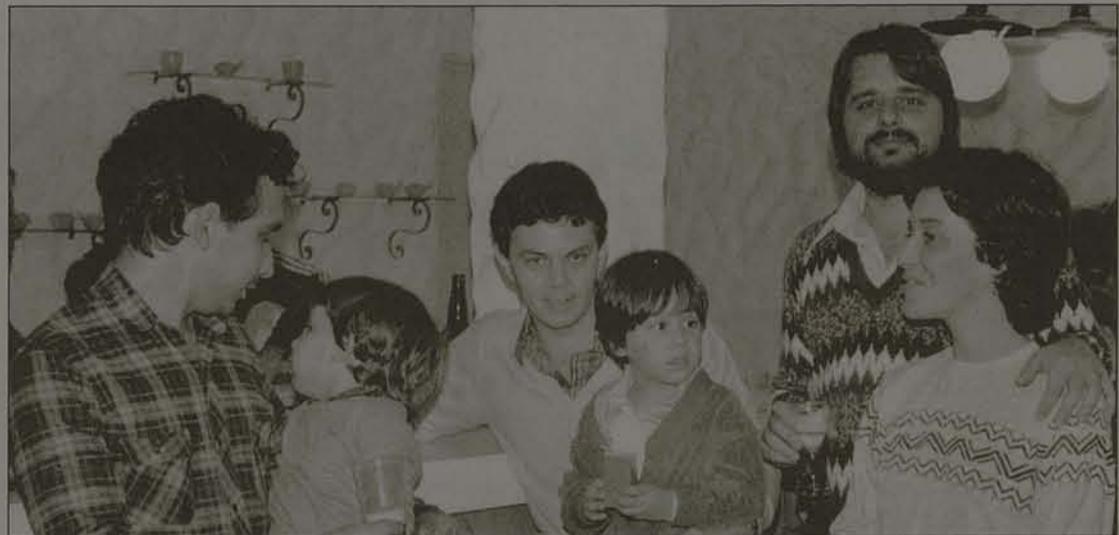
O jornalista Cesar Valente, na época editor do jornal laboratório, lembra que eleição direta era uma expressão mágica para os estudantes e professores, o que os levava a imaginar que o jornalismo era uma ferramenta para transformações sociais. "Professores viam os alunos não como futuros profissionais do jornalismo, mas como militantes de alguma coisa que identificavam como 'esquerda'". Valente acrescenta que a universidade olhava para o curso com certa curiosidade e espanto, já que diferente dos demais, não sofria pressão política remanescente dos tempos da ditadura. "Como jornal laboratório, não tinha pretensão de ser influente. Até onde lembro, as campanhas eram muito no corpo a corpo. Os candidatos eram conhecidos de todos e iam aos centros em campanha. O *Zero* pode ter ajudado a divulgar, mas não acredito que tenha 'feito a cabeça' de alguém, ou mudado

algum voto", assegura.

As edições do jornal sobre as eleições das décadas de 80 e 90 se enquadram mais na classificação de panfleto ou de "reportagem engajada". Ao rever os exemplares, o ainda professor do curso e editor do *Zero* na época, Ricardo Barreto, admite que a postura do jornal era bem definida. "As matérias eram editorializadas, mas condiziam com o espírito da época. Nunca tivemos autocensura enquanto fui editor". Valente constata que tinha posições antagônicas às de Barreto, mas que os alunos foram beneficiados por assistirem às divergências.

Um grande obstáculo do jornal na época era a falta de recursos da universidade. O ex-editor do *Zero*, atualmente dono da empresa que assessorou o início da campanha de candidatura da presidente Dilma Rousseff, Luiz Lanzetta, recorda que algumas edições foram finalizadas, mas não impressas. "Inventamos o primeiro jornal virtual, ainda sem internet", brinca. Mesmo com a falta de recursos os professores mantinham os alunos interessados com aulas de técnicas de apuração e observação, antropologia, sociologia, de como extrair informações de fontes e documentos. "Não tínhamos grana, mas liberdade sobrava. À noite, os alunos e professores se reuniam para aulas de marxismo com Adelmo Genro Filho. Isso em plena abertura política".

As lembranças sobre os tempos de repórter do *Zero* ainda influenciam a vida profissional do ex-aluno do curso Alessandro Bonassoli. Ele relata que



César Valente (esq.), Daniel Herz e Luiz Lanzetta (com barba) em foto da década de 1980

na reunião de pauta para a edição de novembro de 1995 surgiu o tema eleições e ficou combinado que haveria uma entrevista com cada candidato. "Os interessados sugeriam a pauta e geralmente cobriam depois. A disciplina ainda não era obrigatória, era por amor à camisa. Fiz a entrevista com o candidato Carlos Westphall e fui elogiado depois pelo professor Carlos Augusto Locatelli, embora ele tenha dito que eu poderia ter sido mais crítico". Bonassoli admite que foi ali o início de sua carreira: "Eu tinha uma paixão grande por participar, por aprender. Foi o *Zero* que me deu a base para não chegar tão inexperiente na redação", garante.

Jéssica Butzge
j.butzge@gmail.com

Eleição agitada em 1987

A cobertura das eleições de 1987 talvez tenha sido a mais ampla e crítica da história do *Zero*. Era a segunda eleição direta e se esperava uma mudança de chapa no poder. Acusações de fraude, favorecimento político, confusões na apuração e até brigas na reitoria marcaram o período. O ex-editor, Ricardo Barreto, revela que alguns meses após o resultado, os editores encontraram uma imagem na revista *Bondinho* (da editora Época) que

representava o que acontecia na política da UFSC. "Mudavam os nomes, mas não a influência política. Eram todos apadrinhados do último reitor. A ilustração do Império Romano indicava exatamente essa oligarquia no poder", critica. A imagem foi publicada na contracapa da edição de abril de 1988 com a frase irônica "Sangue novo na Reitoria", que provou mais uma vez, de acordo com Barreto, a total liberdade de publicação do *Zero*.

O jornal e as campanhas para reitor

Fevereiro de 1983



Rodolfo P. da Luz

Novembro de 1987



Bruno Schlemper

Novembro de 1991



Antônio Queiroz

Novembro de 1995



Rodolfo P. da Luz

Dezembro de 2003



Lúcio Botelho

1984

1988

1992

1996 e 2000

2004

2008



Novembro de 1987



Bruno Schlemper

Setembro de 1995



Rodolfo P. da Luz

Dezembro de 2003



Rodolfo P. da Luz

Novembro de 2007



Álvaro Prata

Novembro de 2011

ZERO



Com o fechamento da emergência do Celso Ramos, número de pessoas atendidas dobrou

HU é referência no estado mesmo com problemas

Maternidade e atendimento a queimados são destaques

Desde a sua fundação, em 1980, o Hospital Universitário na UFSC (HU) estruturou-se para formar profissionais para trabalhar na área da saúde e atender a população. O HU conta atualmente com 1483 funcionários e destina todos os seus 270 leitos ativados para o SUS (Sistema Único de Saúde). Atende casos de baixa complexidade, resolvidos com clínico geral, e média complexidade, como o atendimento ambulatorial. Mas são os tratamentos de alta complexidade, que exigem cirurgia e tratamento prolongado de alto custo, que fazem do Hospital Universitário referência no estado.

Para o diretor geral do hospital, Felipe Felício, o SUS não funcionaria em Santa Catarina se não houvesse o HU e é devido à característica de "hospital-escola" que a unidade de saúde adquire excelência no atendimento. "A assistência é a nossa extensão", explica. O hospital atende pacientes de todo o estado, em especial nas áreas de cirurgia vascular e de redução de estômago, tratamento de câncer, doenças relacionadas ao rim, transplante de córnea, saúde auditiva e implante coclear (que consiste na colocação de um dispositivo eletrônico também conhecido como ouvido biónico). O HU também está preparado para realizar o primeiro transplante de fígado, só aguarda o doador.

Pacientes de outros municípios são encaminhados pelos médicos e selecionados pela Secretaria de Saúde da cidade para realizar o tratamento no HU. É o caso de Elione Anselmo Maciel Cipriano, de 39 anos. Moradora de Ibituba, a 91 km de Florianópolis, ela foi encaminhada para realizar a cirurgia de redução do estômago. A cada quinze dias, desloca-se a Florianópolis em uma van da prefeitura de Ibituba, junto com outros pacientes tratados no HU, para realizar os exames de preparação para o procedimento cirúrgico. Cipriano passou um ano na fila de espera do município para começar a ter o caso analisado. Como a procura por atendimento é grande, cada cidade tem uma cota de pacientes que são selecionados para tratamento.

Para diminuir as filas de espera, o hospital realiza mutirões de cirurgias. Os pacientes que estão sendo acompanhados pelo hospital e que não têm um caso

muito complicado são selecionados para fazer a cirurgia em um único dia, em geral um sábado ou domingo. "Não pode ser um caso grave, pois se acontece alguma complicação pode demorar a resolver e não atingimos o objetivo do mutirão", explica o diretor geral do HU, Felipe Felício.

Neste ano foram realizadas seis cirurgias de remoção de útero, 12 cirurgias de vesícula e 78 cirurgias plásticas para extração de tumor de pele. O último mutirão aconteceu dia 15 de outubro com o tratamento odontológico de seis crianças excepcionais sob anestesia geral.

O Hospital Universitário também caminha para ter excelência no tratamento de queimados. Em janeiro do ano que vem, deve começar a ser construída uma ala para esses pacientes. A previsão é que, no segundo semestre, cheguem os equipamentos para o setor começar a funcionar. "Há cinco anos que a gente pede essa ala. Conseguimos por causa da duplicação da BR-101, pois não havia por perto nenhuma ala de queimados. Tanto que os recursos vieram pelo DNIT (Departamento Nacional de Infraestrutura e Transportes)", declara o diretor geral.

O atendimento mais próximo para vítimas de queimaduras fica em Joinville, no Hospital Municipal de São José. Ainda assim, o hospital do norte do estado trata casos de média gravidade. No HU, o tratamento deve atender pacientes em situação mais grave. Outra referência em atendimento já consolidada do Hospital Universitário é a maternidade. Ela foi pioneira em garantir a presença de um acompanhante em todo o processo do nascimento, uma inovação implantada em 1995. O chamado parto humanizado virou projeto de lei aprovado na Assembleia Legislativa em março de 2002, após ser proposto pela então deputada Ideli Salvatti (PT). Ao ser eleita senadora, a petista apresentou o mesmo projeto. Em 2005, a proposta tornou-se lei federal válida no âmbito do SUS.

No HU, a gestante escolhe a forma como pretende realizar o parto e, caso tenha algum problema de saúde no pós-parto e precise ficar internada, pode ter a companhia do filho recém-nascido no alojamento conjunto. Outro procedimento de humanização do parto é o método canguru, no qual os bebês prematuros são tratados junto à mãe e não numa incubadora. Com isso, conseguem alta mais cedo.

Estrutura ruim é um dos entraves

Um dos problemas para o trabalho do hospital é a infraestrutura. O centro cirúrgico funciona atualmente com 60 leitos. No entanto, deveria haver 90 leitos ativados. O hospital espera aprovação do projeto de construção de um novo bloco, com recursos do Programa de Reestruturação dos Hospitais Universitários Federais (REHUF). O novo prédio terá mais cinco salas de cirurgia, uma enfermaria cirúrgica e o Hospital Dia.

Na enfermagem, segundo a diretora Francine Gelbcke, o maior problema é o número insuficiente de funcionários. Na UTI Neonatal, por exemplo, são necessários mais de seis enfermeiros, mas nem sempre eles estão disponíveis. Gelbcke explica que o trabalho na área é desgastante, o que provoca alto índice de absenteísmo gerado por doenças. Os funcionários são atingidos por distúrbios musculares e esqueléticos e distúrbios menores, como depressão. "Ficam afastados um dia ou até anos. Tem funcionário de licença há dois anos", conta.

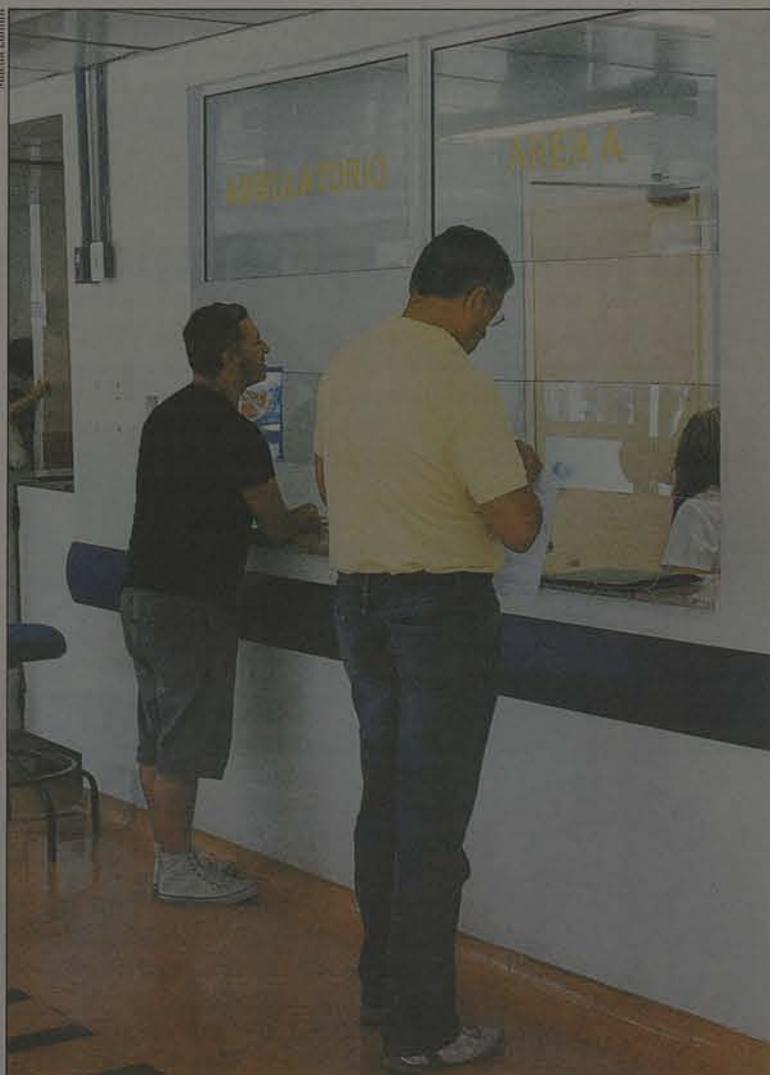
Desde o ano passado, quando completou 30 anos, o hospital vem sofrendo uma diminuição no quadro de funcionários devido às aposentadorias. A contratação de novos profissionais, com exceção dos terceirizados, depende de concursos e das vagas oferecidas pelo Ministério da Educação (MEC) e liberadas pela UFSC, o que leva tempo. Enquanto isso, as áreas de maior

movimentação de pacientes, como a emergência, ficam sobrecarregadas.

Em agosto desse ano, a emergência do HU passou a funcionar com o sistema de classificação de risco. Assim que o paciente chega, é avaliado pelos enfermeiros e recebe uma ficha de acordo com a gravidade do seu estado. Os pacientes em estado crítico recebem fichas vermelhas e são atendidos em até uma hora. Casos mais simples podem levar mais de quatro horas para serem solucionados. Esses pacientes são aconselhados a buscar atendimento nos postos de saúde ou nas Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) da cidade.

A classificação de risco foi a solução encontrada para atender o elevado número de pacientes que passaram a buscar a emergência do HU depois que o Hospital Celso Ramos fechou para reforma o seu atendimento emergencial. "De 180 a 200 atendimentos por dia, passamos a ter 400", conta Felício. De acordo com o professor e ex-diretor técnico da instituição, Carlos Pinheiro, a maioria dos casos atendidos na emergência poderia ser resolvida nos postos de saúde ou com agendamento de consulta. No entanto, as pessoas procuram o atendimento emergencial devido à alta resolutividade: o paciente é atendido na hora, faz os exames e já recebe o diagnóstico e a receita dos medicamentos.

Para o diretor da instituição, o SUS catarinense não funcionaria sem o hospital da UFSC



Pacientes de várias cidades são encaminhados para tratamento

Orçamento para 2011 é R\$ 41 mi

O orçamento do HU em 2011 para o custeio de serviços e materiais é de aproximadamente R\$ 30 milhões, divididos em 12 parcelas fixas. Os recursos são disponibilizados pelo Ministério da Saúde e chegou-se a esse valor após a elaboração do plano operativo (que impõe metas de atendimento ao hospital) entre a Secretaria de Saúde de Santa Catarina e o HU. Além desses recursos fixos, há os que são oferecidos por produção. São aproximadamente R\$ 300.000 por mês pagos pelos serviços de alta complexidade e ao Fundo de Ações Estratégicas e de Compensação (FAEC).

Os recursos destinados não são suficientes para pagar o gasto geral do HU para 2011. Para tentar fechar a conta, o Ministério da Educação articulou com o Ministério da Saúde um termo aditivo no valor de R\$ 7.200.000, elevando os recursos do orçamento do hospital para este ano a cerca de R\$ 40.900.000. "O Ministério da Saúde exigiu que houvesse também a contrapartida das instituições de oferecer mais serviços de acordo com as necessidades da rede pública", explica o diretor de administração do HU, Nélio Schmitt.

O HU funciona em parceria com as Secretarias de Saúde de Santa Catarina e de Florianópolis. A estadual faz a gestão dos gastos de serviços, e a municipal administra o Sistema de Regulação (Sisreg), responsável pelo

controle da marcação de consultas e exames a partir do que é acordado entre o HU e essas autarquias. Então, para que o hospital recebesse os recursos adicionais do Ministério da Saúde, foi feito um termo de cooperação entre as três partes, que definiu o destino do dinheiro.

A exigência da Secretaria Municipal de Saúde, por exemplo, foi uma emergência psiquiátrica (sete leitos de observação e internação) para pacientes da rede municipal. Ela funcionará em uma área já existente, que passará por reformas orçadas em R\$ 300.000. Para a rede estadual, o investimento em serviços engloba políticas como aumento de 20 leitos na emergência adulta e de seis leitos na UTI, 80 tomografias por mês e 300 exames mensais no tratamento de câncer de colo de útero e de mama. Há ainda a realização de 55 tratamentos e 16 cirurgias mensais de glaucoma.

Para a folha de pagamento de agosto dos funcionários concursados, por exemplo, foram gastos R\$ 9.597.000 vindos do MEC. Os demais funcionários – terceirizados, contratados via Fapeu e bolsistas – são pagos com os recursos fixos do Ministério da Saúde.

Gabrielle Estevans

gabrielleestevans@hotmail.com

Milena Lumini

mi.lumini@gmail.com

Willian Reis

wreis_lg@hotmail.com



As pessoas em situação crítica são atendidas em até uma hora

Polêmica

O modelo atual de gestão dos HUs sofrerá mudanças caso o PLC 79/2011 seja aprovado pelo Congresso Nacional. Referendado na Câmara sob o número PL 1749/2011 e atualmente tramitando no Senado, o projeto foi apresentado pelo Executivo em substituição à MP 520, editada pelo então governo Lula e rejeitada em junho. Na prática, permite a criação da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares S.A. (EBSERH).

Inserido no âmbito do SUS, a função do órgão é, basicamente, administrar os hospitais, prestar serviços médicos e dar apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão das instituições federais de ensino superior. Segundo Felício, a EBSERH foi a solução encontrada pelo governo para atender à determinação do Tribunal de Contas de que, em cinco anos, todos os funcionários contratados por meio de fundações devem ser demitidos. No HU da UFSC, são 156 trabalhadores nessa situação. "O perigo é transformar o HU em hospital só assistencial", alerta. Para o Sindicato dos Trabalhadores da Universidade Federal de Santa Catarina (Sintufsc), a empresa separa os hospitais de ensino das universidades e dá margem à privatização, ao permitir o atendimento de assegurados por planos privados de saúde. "Com mais pacientes, a situação dos hospitais pode ficar pior", opina um dos coordenadores gerais do Sintufsc, Celso Martins. O diretor do HU discorda da posição do sindicato. "Não há risco de privatização. Não existe governo que sustente isso", garante. Francine Gelbcke, diretora de enfermagem, diz que o principal problema é saber de onde vem os recursos para custar a EBSERH: "A questão é saber a origem do dinheiro que servirá para pagar os funcionários."



O Hospital Univesitário tem 1.483 servidores e destina todo o seu espaço para o SUS, mas apenas 66% dos leitos estão ativos

Projeto resgata brincadeira aliada a ensino

Laboratório busca revitalizar aprendizagem por meio de atividades lúdicas no ambiente escolar

Aline da Silva Nunes de Lima, 9 anos, frequenta o 4º ano do Ensino Básico do Colégio de Aplicação da UFSC. Quando está em casa, brinca de boneca sozinha, pois sua irmã já tem 20 anos. Ela admite que não gosta muito de ficar no computador. Todas as terças-feiras, quando está na escola, passa uma aula no Laboratório de Brinquedos do Colégio de Aplicação (LabrinCA). Desde o 2º ano, Aline frequenta o espaço. "A gente pode brincar com brinquedos diferentes, principalmente os que não temos." A estudante destaca que no local aprende a respeitar regras e a conviver com mais crianças. "Aprendo a dividir as coisas e a me envolver nas brincadeiras."

Num tempo em que muitas crianças preferem jogos virtuais, o projeto quer resgatar o exercício de brincar. Inaugurado em 2003, o laboratório funciona em uma sala ao lado da biblioteca do colégio e atende cerca de 60 crianças por dia. Alunos de 1ª a 4ª série do Colégio de Aplicação participam pelo menos uma vez por semana de atividades lúdicas, como jogos, brincadeiras e fantasias.

José Vitor Alves, 8, também aluno do 4º ano, conta que através do LabrinCA pode participar de diferentes atividades educativas. "Fiz vários amigos, aprendi sobre ciên-

cias, sobre plantas e sobre como cuidar dos animais", comenta. O atendimento à comunidade externa é feito por agendamento de horários, pelo e-mail labrinca@yaboo.com.br ou do Projeto Venha Conhecer a UFSC.

A coordenadora do LabrinCA, Leila Peters, destaca a importância da brincadeira junto aos estudos. "Parece que, quando entram na escola, elas esquecem que são crianças." A professora conta que até os adolescentes participam das brincadeiras. Peters não soube informar o valor aplicado no projeto. "Todo investimento vem em forma de materiais e brinquedos através do Proextensão e do Funpesquisa. Como é muito complicado repor estes brinquedos, recebemos também doações." A coordenadora lembra ainda que deveria ter mais um funcionário da área de biblioteconomia para organizar os brinquedos.

Além da professora, o LabrinCA conta com mais três bolsistas de pedagogia da UFSC. Rafaela Nunes Gerard, aluna da 5ª fase do curso, está há dois meses no projeto e afirma que o trabalho com as crianças a têm ajudado significativamente como profissional, pois sempre teve interesse por brincadeiras. "Observo bastante o brincar deles e faço uma relação com as teorias que aprendo em sala de aula."



Crianças aprendem a se relacionar com a ajuda de brinquedos



Amélia Lopes se apresenta no grupo de canto e Raquel Pinheiro faz amizades no NETI

Um espaço de alegria para o idoso

Outro projeto de extensão da UFSC, inclusive de destaque nacional, é o Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI). As atividades, realizadas há 29 anos, visam inserir idosos no meio acadêmico e desenvolver estudos sobre o processo de envelhecimento. O núcleo atende 692 alunos e tem cerca de 50 professores e monitores, que são estudantes da UFSC, voluntários e funcionários da Fundação de Estudos e Pesquisas Socioeconômicas (FEPESE).

Entre os cursos oferecidos estão especialização em gerontologia, leitura e escrita para pessoas idosas e adultas, e idiomas. Também são realizadas oficinas, como a de Inclusão Digital e a de Teatro para Idosos. O NETI conta ainda com o Programa Grupo de Apoio aos Portadores da Doença de Parkinson e seus familiares, e o Projeto Grupo de Apoio aos

Familiares de Portadores da Doença de Alzheimer.

A enfermeira do Hospital Universitário, Jordelina Schier, atua há 15 anos no NETI e desde junho é coordenadora do projeto. Schier, que também é professora voluntária na disciplina de Noções de Saúde, reforça o papel das atividades do núcleo na vida dos idosos. "Eles saem daqui e aplicam de alguma forma os conhecimentos em suas vidas." A coordenadora conta ainda que aprende muito com os alunos. "Como são pessoas com longa experiência de vida, eles têm muito a dizer. Programa a aula para 30 minutos, mas às vezes passa de duas horas."

Schier faz um convite aos estudantes da UFSC. "Um desejo do NETI é que os alunos de graduação venham desenvolver seus projetos aqui." Jordelina destaca a carência

de salas de aula e a falta de um segurança como problemas enfrentados pelo núcleo. Raquel Pinheiro da Silva, 57, é aposentada e veio morar em Florianópolis há dois anos. Como não conhecia ninguém na cidade, decidiu procurar o NETI. Hoje, ela participa do Grupo de Convivência 5 de Maio. "É um grupo que busca a autonomia do idoso. Eu gosto bastante e fiz muitos amigos aqui. Não tenho do que reclamar", garante.

No segundo ano do Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica, Amélia Moema Lopes, 68, também faz parte do grupo de canto do NETI. "Eu considero o espaço como um oásis. É um lugar onde só se tem alegria. Lá eu estudo e às vezes surgem oportunidades legais para se apresentar com o grupo de canto, onde eu posso me arrumar, ficar bem bonita e feliz", avalia.

10ª Sepex

A Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina acontece anualmente e é hoje o maior evento de divulgação científica de Santa Catarina. A Sepex está integrada à Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, promovida pelo Ministério da Ciência e Tecnologia. A última edição, que ocorreu de 19 a 22 de outubro, reuniu aproximadamente 200 estandes que mostraram projetos nas diferentes áreas de educação, saúde, cultura, tecnologia, comunicação e meio ambiente. Durante o mesmo período, na Sepex foram oferecidos mais de 200 minicursos e exibidas diferentes apresentações artístico-culturais. De acordo com a Pró-reitora de Pesquisa e Extensão da UFSC, Débora Peres Menezes, o evento vem se aperfeiçoando a cada edição. "A melhoria se deve à maturidade da universidade e ao seu crescimento. A Sepex é no fundo uma amostra de tudo que a UFSC produz", completa.

Extensão representa ponte com a sociedade

O último levantamento, de 2010, feito pela Pró-reitoria de Pesquisa e Extensão, mostra que no ano passado foram registradas 6.565 ações de extensão na UFSC. Nesse período foram emitidos 25.200 certificados relacionados a esse tipo de atividade. Um total de 332 bolsas de extensão foram concedidas a estudantes de graduação pelo Probolsa, verba destinada a este tipo de pagamento. Cada projeto tem no máximo dois alunos.

Segundo Nelson Canzian, diretor do Departamento de Projetos de Extensão, o Proextensão (dinheiro reservado à infraestrutura) distribuiu cerca de R\$ 400 mil em 2011, sendo aplicado até R\$ 4.000 em cada um dos 100 projetos.

Este valor é destinado à compra de materiais e equipamentos utilizados nas atividades. O investimento em bolsas é de R\$ 1,4 milhão. "Existe ainda o dinheiro externo, vindo, por exemplo, de ONGs e Ministérios", constata.

Débora Peres Menezes ressalta que as atividades de pesquisa e extensão da UFSC são um reflexo das atividades de ensino. Ela também reconhece as suas funções. "A universidade não faz pesquisa e ensino só para ficar aqui dentro. É importante fazer essa ponte com a sociedade, através dos projetos de extensão", afirma.

Paulo Júnior
paulovitorio_junior@hotmail.com
Stephanie Pereira
stephanie.idn@gmail.com

Estudo único no estado recebe R\$ 3 milhões

Projeto sobre estrutura de proteínas desenvolvido na UFSC foi financiado por Fapesc e Finep

Não está na alma da universidade fazer inovação. A inovação é consequência". É o que diz o professor Hernán Francisco Terenzi, coordenador da única rede de pesquisa do estado que busca decifrar proteínas, desenvolvida na UFSC. A estrutura foi montada a partir de uma proposta do Ministério de Ciência e Tecnologia, em 2006. Santa Catarina foi um dos oito estados selecionados para integrar o Genoprot, nome que vem da junção da Genômica (estudo do genoma, da informação hereditária dos indivíduos) com a Proteômica (estudo do conjunto de proteínas em uma célula). Enquanto o genoma é estático, o proteoma reflete o conjunto de proteínas expressas em determinada situação (tempo, temperatura, período fisiológico), e assim, pode explicar a formação e o funcionamento dos organismos vivos. O projeto conseguiu R\$ 3 milhões para a realização das pesquisas, sendo R\$ 1 milhão da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc) e os outros R\$ 2 milhões da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep).

Esses recursos resultaram na construção do Centro de Biologia Molecular Estrutural (Cebime) no campus da UFSC, inaugurado em março deste ano, localizado atrás da nova área do Restaurante Universitário. Foram quase dois anos só para escolher os equipamentos que seriam usados no Cebime. "É preciso ouvir especialistas da área, receber representantes de diversas empresas, contar com a demora na importação, e muitas vezes, é difícil para um burocrata compreender que vale mais a pena adquirir um equipamento mais caro, mas que terá maior vida útil e maior eficiência", esclarece o professor.

Terenzi mostra o "coração financeiro" do Cebime: uma sala com espectrômetros de massa, que são uma espécie de balança de alta precisão, capazes de medir a massa de moléculas e identificar proteínas e suas modificações; além de outros aparelhos, que somam cerca de R\$ 2,5 milhões. "Não é só a estrutura que faz o trabalho", analisa o professor. No caso do projeto Genoprot, uma das maiores dificuldades é a falta de profissionais especializados para manusear os equipamentos de alta tecnologia.



Prof. Terenzi mostra um dos equipamentos que compõe o laboratório de ponta do Cebime

Por isso, há um incentivo àqueles que entram em sua equipe a aprenderem o quanto antes, para que tenham um *know-how* desde as primeiras etapas.

No Cebime, gastam-se, em média, R\$ 10 mil só para mantê-lo funcionando. Uma fonte de laser, por exemplo, dura até dois anos, e sua reposição pode custar até R\$ 34 mil. Os contratos de manutenção dos equipa-

mentos, firmados com empresas que se responsabilizam por garantir seu funcionamento por um período médio de dois anos, custam em torno de 10 a 20% do valor do aparelho. Apesar das dificuldades, o professor acredita que a estrutura de alta tecnologia do Cebime já permite um incremento na produtividade e vai garantir um efeito multiplicador de resultados

em diversas áreas, já que os equipamentos seguem o conceito do "multiusuário", estando disponíveis para pesquisadores das áreas de Química, Bioquímica, Farmacologia, Biotecnologia, Física e Engenharias. "Nosso retorno para a Universidade e para a sociedade é a formação de pessoal qualificado, capaz de pensar, descobrir, refletir", complementa Terenzi.

Burocracia compromete pesquisas

Os projetos de pesquisa nascem por iniciativa de professores ou servidores técnico-administrativos da universidade, tanto de um único departamento, como interdepartamental. Devem ser aprovados nos departamentos de origem dos pesquisadores envolvidos, que também aprovam seus relatórios finais. Depois, os responsáveis pelo projeto buscam financiamento através de editais, que podem vir de órgãos de fomento, parcerias com instituições públicas ou empresas privadas.

O investimento da UFSC é direcionado a projetos do Funpesquisa, que visam à consolidação da carreira de pesquisadores, professores e servidores. Além de manter custos com energia elétrica, telefone, água e limpeza. Só em 2011, a universidade apoiou 166 projetos, somando aproximadamente R\$ 830 mil.

Como o processo de aprovação, o desenvolvimento tem entraves burocráticos. "Às vezes o pesquisador precisa de um equipamento de R\$ 500 mil, mas a aquisição não é tão simples. O pedido passa por licitação, então pode acontecer de outra proposta vencer a concorrência e o professor não conseguir o que solicitou", explica o professor Maurício Fernandes



Importações demoradas de aparelhos atrasam as atividades

Pereira, diretor presidente da Fundação de Ensino e Engenharia de Santa Catarina (FEESC).

A FEESC é uma das fundações que fornece suporte administrativo aos projetos de interesse da universidade. Essa gestão de recursos envolve questões como a captação de investimentos, compras e relatórios finais. "Nossa função é facilitar o trabalho para os pesquisadores. Gerenciando a parte burocrática, eles podem se dedicar somente à pesquisa", diz Tamara da Costa Vianna, gerente de projetos da Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão Universitária (Fapeu).

Visando reduzir a burocracia na importação de materiais e aumentar o incentivo à produção de tecnologia, em 31 de agosto o deputado Bruno Araújo encaminhou para a Câmara dos Deputados e para o Senado um projeto de lei que institui o Código Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. A proposta está em estudo e a votação na Câmara deve acontecer até o fim de novembro.

Bianca Enomura
bianca.enomura@gmail.com
Daniela Nakamura
nakamura.dani@gmail.com

Site reúne obras de SC

Durante a 10ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (Sepex) da UFSC, o professor Alckmar Luiz dos Santos foi um dos dez pesquisadores que receberam o Prêmio Destaque Pesquisador UFSC 2011. Indicado pelo Centro de Comunicação e Expressão (CCE), Santos é fundador e coordenador do Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística da UFSC (NuPILL), que surgiu em 1995 e através do qual foi lançado no início de outubro deste ano o Portal Catarina (www.portalcatarina.com.br), que representa um catálogo da literatura catarinense com informações e obras de 311 autores, com o total de 1399 obras.

O Portal Catarina foi construído com o aporte de R\$ 400 mil do Pronex, um instrumento de estímulo à pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), voltado para grupos de excelência. Junto ao NuPILL, trabalharam em parceria o Núcleo de Literatura e Memória (NuLIME) e o Laboratório de Pesquisas em Sistemas Distribuídos (Lapesd), da Computação, com cerca de 25 alunos



Alckmar Santos: destaque da graduação e pós-graduação. Além do Portal Catarina, o NuPILL tem hoje o mais completo acervo digital de literatura brasileira, com informações sobre mais de 70 mil obras e de 17 mil autores, com mais de três mil arquivos digitalizados em domínio público. Não é preciso pagar nenhuma taxa nem se inscrever para ter acesso aos dados. "Reclama-se que os projetos não chegam até a sociedade, o NuPILL é de extensão por excelência. Nosso maior diferencial é que conseguimos resultados imediatos para o usuário comum", analisa Alckmar dos Santos.

Ex-reitores discutem o passado e fazem projeções sobre o futuro da UFSC

Seis dos homens que estiveram à frente da universidade relatam as principais dificuldades e êxitos de seus mandatos, fazem críticas à burocracia e apontam as transformações para os próximos anos

- Olha, o grande problema que enfrentei no meu mandato foram os 18 cursos criados pelo Stemmer. Ele deixou uma herança bem dura porque não tinha verba para investimentos, reclama o ex-reitor da UFSC, Ernani Bayer.

- Ele chora que eu criei problemas para ele resolver. Acontece que a maior parte das dificuldades eu já tinha resolvido. Contratei pessoal, contava com o espaço físico. Chora de gordo, responde o também ex-reitor, Caspar Erich Stemmer.

Esse diálogo não aconteceu. As falas foram retiradas das entrevistas que o Zero fez com os ex-reitores da UFSC. Bayer, que ocupou o cargo de 1980 a 1984, e Stemmer, de 1976 a 1980, têm visões diferentes sobre as suas gestões, as crises que enfrentaram e os avanços concretizados. Assim como eles, os outros quatro reitores ainda vivos — Rodolfo Joaquim Pinto da Luz (1984-1988, 1996-2000 e 2000-2004), Bruno Rodolfo Schlemper Jr. (1988-1992), Antônio Diomário de Queiroz (1992-1996) e Lúcio José Botelho (2004-2008) — testemunharam o crescimento e desenvolvimento da instituição, apesar das eventuais complicações. "Líderes, que mostram o caminho e incentivam a retaguarda a tocar em frente", como definiu Stemmer, esses seis homens são peças importantes para entender o que aconteceu com a universidade ao longo dos últimos 50 anos. As vésperas da eleição da 12ª gestão, os ex-reitores não poupam críticas, tecem elogios e apontam os principais desafios a serem enfrentados nos próximos anos.

As orientações e conselhos dados pelos ex-reitores são frutos das dificuldades e do progresso que presenciaram em seus mandatos. O orçamento apertado e a inflação alta das décadas de 1970 e 1980 eram duas das principais preocupações. Bruno Rodolfo Schlemper começou a sua gestão em um período que classifica como de crise: o governo Collor, no início dos anos 1990. "Do ponto de vista financeiro, foi um desastre para a Universidade. Não sobrava nada, a gente tinha que buscar incentivo fora", lamenta.

O decano Stemmer lembra que para concluir o Hospital Universitário — as obras começaram em 1964 — pediu 160 milhões de cruzeiros novos ao Ministério da Educação. Devido à inflação, que chegou a 80% por mês nos anos 1970, o dinheiro se desvalorizou rapidamente. "Pouco tempo depois, fizemos um novo cálculo: precisaríamos de mais

160 milhões para concluir". Mesmo com a nova remessa, foram necessários mais 80 milhões de cruzeiros novos para "finalizar" o prédio. O hospital recebeu os primeiros doentes, quando apenas uma das oito enfermarias estava funcionando. "O ambulatório também estava aberto. Para o ensino médico, esse local é muito mais importante do que o hospital", justifica.

O fato de o HU atender com apenas uma das enfermarias foi, além das dificuldades orçamentárias, o que causou mais rugas de preocupação em Bayer. Ele não estava satisfeito com a estrutura fornecida à população. O ex-reitor costumava dizer que a unidade tinha índice de mortalidade zero porque os enfermos com perigo de morte eram transferidos para outro lugar. "Não tínhamos emergência, cirurgia, nada. Era só um depósito de pessoas".

A falta de investimento não atingia apenas o hospital, mas todos os setores da UFSC. O atual secretário municipal de Educação e Cultura e reitor por três mandatos, Rodolfo Pinto da Luz, garante conhecer bem os problemas financeiros. Em alguns anos de sua gestão, admite, deixou de pagar as contas de água, luz e telefone. O secretário argumenta que só assim era possível manter a instituição.

Diante da verba escassa, os reitores iam à Capital Federal bater nas portas dos deputados. "O dirigente deve ser extremamente persistente e nunca esmorecer. Deveria ter quatro reitores, um só para ficar em Brasília", brinca. Na sua avaliação, o orçamento destinado à educação só melhorou no segundo governo Lula, a partir de 2007.

Nem tudo são lamentações. Os feitos realizados em cada uma das gestões foram cruciais para o crescimento e qualificação das atividades de ensino, pesquisa e extensão. A começar por Stemmer, que, da sacada de sua casa, ao lado do Bar da Nina, na Trindade, fiscalizou as obras de ampliação do campus. Quando as construções foram finalizadas, a



Da esquerda para direita, os reitores de 1960 a 2004: Schlemper; Stemmer; Pinto da Luz; Ferreira Lima; Lacerda; Queiroz e Bayer

área da universidade tinha passado de 55 mil para 110 mil metros quadrados. O engenheiro criou 18 cursos, usando apenas os recursos e infraestrutura dos quais a UFSC já dispunha. Ao ser questionado sobre as críticas feitas à época e, reproduzidas até hoje, é sucinto: "Tinha prestígio na instituição e nunca dei muita bola para a democracia".

Bayer, conhecido como o Reitor da Abertura — porque assumiu no período da redemocratização — revogou a portaria que vetava as manifestações no ambiente universitário. Pinto da Luz, como presidente do Conselho de Reitores, conseguiu promover a igualdade salarial entre os professores das universidades autônomas e das mantidas por fundações. Foi na gestão de Schlemper Jr. que o projeto de restauração das fortalezas de Santa Catarina deslançou e na de Diomário

Queiroz, foi criada a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão. No mandato de Lúcio Botelho (2004/2008), foram concretizadas as ideias dos novos campi, instalados em Araranguá, Joinville e Curitiba.

Mesmo com as dificuldades orçamentárias, a UFSC conseguiu crescer e se estabelecer como pilar fundamental ao desenvolvimento regional. Aliando ensino, pesquisa, extensão e parceria com empresas, contribuiu para avanços na produção de maçã e na maricultura.

Bayer lembra um caso em que uma empresa de fabricação de barcos queria reduzir o peso do seu motor para ganhar velocidade e procurou a instituição. "A Engenharia Mecânica e de Materiais chegou a ter uma diminuição de 20% no peso."

No mandato de Stemmer, surgiram as fundações,

com o objetivo de mediar o contato da universidade com empresas privadas e de buscar formas de financiamento para projetos de pesquisa.

Schlemper as destaca como parte essencial do desenvolvimento de projetos, seja na captação de recursos ou no fomento de relações com companhias que queiram investir na universidade. Mas, ressalta: "o objetivo delas é fundamental, a gestão é que pode ser melhorada, aprimorada, mais transparente."

Luz defende que fundações são importantes para tornar a instituição mais dinâmica e servem para compensar a falta de estrutura. "Preferia que não tivéssemos [fundações], mas ainda assim que existisse essa agilidade extrema. Entretanto, isso só seria possível se houvesse mais gente na estrutura da Universidade".

Apesar de avanços, há novos desafios

Currículo, conteúdo e prioridades de atenção. Essas são algumas das críticas pontuadas. Cada um à sua maneira, os antigos gestores da UFSC enxergam o potencial da instituição, mas salientam que apesar dos avanços muito ainda precisa ser melhorado. Um dos aspectos levantados é a estrutura departamental ultrapassada. Diomário frisa a importância de uma reestruturação, dando mais poder de intervenção aos coordenadores de curso e aproximando pesquisadores das decisões políticas.

Para Bayer, a prioridade hoje é a mudança de conteúdos e currículos, que estão defasados. "Os professores não são muito favoráveis às mudanças, a currículos novos adequados a uma nova realidade, a um país diferente."

Já Botelho enfatiza a tendência à dedicação maior à pós-graduação do que à graduação, com o aumento de professores substitutos e estágio docente. "É o maior erro e o maior avanço. Essa tendência há na universidade brasileira, e na UFSC essas características estão mais acentuadas."

Apesar de fazer duras críticas à administração, Bayer reconhece que a universidade tem uma boa integração com o ramo empresarial e colhe bons frutos dessa parceria. "As engenharias, por exemplo, foram muito beneficiadas."

A maior facilidade de captar recursos é outra melhoria evidente para os ex-reitores. Schlemper confessa que sente uma ponta de ciúme ao saber que não falta dinheiro para investimentos, especialmente para as obras de infraestrutura. Ele aponta também que nunca se teve tanta facilidade em estudar no exterior. Esses benefícios seriam, segundo Schlem-

per, resultados das políticas públicas priorizadas pelo governo federal.

Contrariando a opinião de outros colegas, que consideram a atuação da UFSC ainda mediana, Diomário diz não conceber o estado sem a influência da universidade. Ele a vê como principal elemento transformador de Florianópolis em uma capital de inovação. Os trabalhos desenvolvidos na área da informática transformaram a cidade em um pólo tecnológico.

Mais do que os avanços na área empresarial e de pós-graduação, Botelho comemora a implantação dos três novos campi da UFSC. Ele compara o feito com a criação de 18 cursos, protagonizada por Stemmer. "Antes foi feito na galega, na

porrada. Ele fez porque tinha culhões. Agora, temos perspectiva [de crescimento]." Botelho vê os campi como uma forma de "ampliar a oportunidade dos mais pobres cursarem o ensino superior". A ampliação da universidade é vista com desconfiança por Luz. "Sou amplamente favorável, mas fico preocupado com a sustentabilidade disso. Terá o país condições de manter as novas unidades ou haverá um achatamento de salário?", questiona. Ele observa um descompasso entre a construção de novos campi e o repasse de recursos para sustentá-los. "O dia seguinte é o problema."

Bayer tem uma posição definida sobre novas instalações: é contra. Para ele, a qualidade não deve ficar atrás da expansão. "Não entendo como se criam novas universidades sem dinheiro para dotar as antigas de recursos." O ex-reitor afirma não se referir apenas às questões estruturais, mas também à pesquisa e ao ensino, que demandaria muito dinheiro.

Para ex-dirigentes, falta autonomia

A UFSC está em 7º lugar no ranking das melhores universidades da América Latina, segundo o Conselho Superior de Investigação Científica (CSIC), uma agência do Estado espanhol. Desde 2004, o CSIC divulga o Webometrics Ranking Web of World Universities, sempre em janeiro e julho. O relatório contempla mais de 20 mil instituições, e considera o desempenho global e visibilidade das instituições na web (incluindo indicadores de pesquisa e qualidade da comunidade acadêmica).

Quase em uníssono, os ex-reitores reafirmam a capacidade da instituição de estar entre as melhores. "Ela é um orgulho do ponto de vista nacional. O fato de formar aqui é extremamente forte no currículo", acredita Schlemper. Mais cauteloso, Stemmer freia o entusiasmo dos colegas: "É uma pretensão, devemos ser mais modestos."

A confiança que os seis homens depositam na universidade vem com ressalvas. Botelho avalia que, mesmo com os projetos de extensão e pesquisa, ainda há necessidade de abraçar-se com a sociedade, de ser mais ativo nas decisões da prefeitura, por exemplo. Bayer compartilha essa visão. "Eu dizia, na minha gestão, que não tínhamos passado da Trindade. Não sei se avançou muito, porque os problemas de Santa Catarina não são resolvidos", insinua.

Conquistar mais autonomia é outro desafio apontado pelos ex-dirigentes. Para Botelho, a UFSC seria hoje tributária de grupos políticos externos, responsáveis por interferências

na sua gestão.

Ao comparar o andamento de seu mandato com os rumos tomados nos últimos anos, Schlemper considera que a instituição tornou-se menos autônoma. "Você não tem como reitor professor, depende tudo da autorização do ministério. Está tudo centralizado", critica. No entanto, nem todos desejariam ter autonomia. "Se você é independente, não dá para transferir responsabilidades, jogar para outras pessoas", argumenta.

Diomário Queiroz vê a estrutura de ensino da UFSC como um empecilho a ser superado. Na sua visão, deveria prevalecer uma estrutura mais leve, que acabasse com os departamentos e estivesse centrada nas coordenadorias dos cursos. Como consequência dessa mudança, haveria a desburocratização do sistema e o aumento da autonomia. "Se superarmos essa forma de organização poderemos gerar uma condição mais autônoma."

Afinal, como estará a instituição no futuro? Sem pensar muito, Botelho prevê uma força maior na pesquisa, ensino e extensão. Em seguida, fala sobre a condição de reitor citando Mário Quintana: "Todos passarão e eu passarinho." Segundos depois, conclui: "A universidade resiste à má gestão."

Os oito que já passaram pela cadeira



João David Ferreira Lima (1961-1972)



Roberto de Lacerda (1972-1976)



Caspar Erich Stemmer (1976-1980)



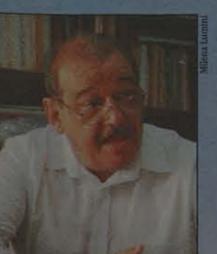
Ernani Bayer (1980-1984)



Rodolfo P. da Luz (1984-1988/1996-2004)



Bruno Schlemper Junior (1988-1992)



Antônio Diomário de Queiroz (1992-1996)



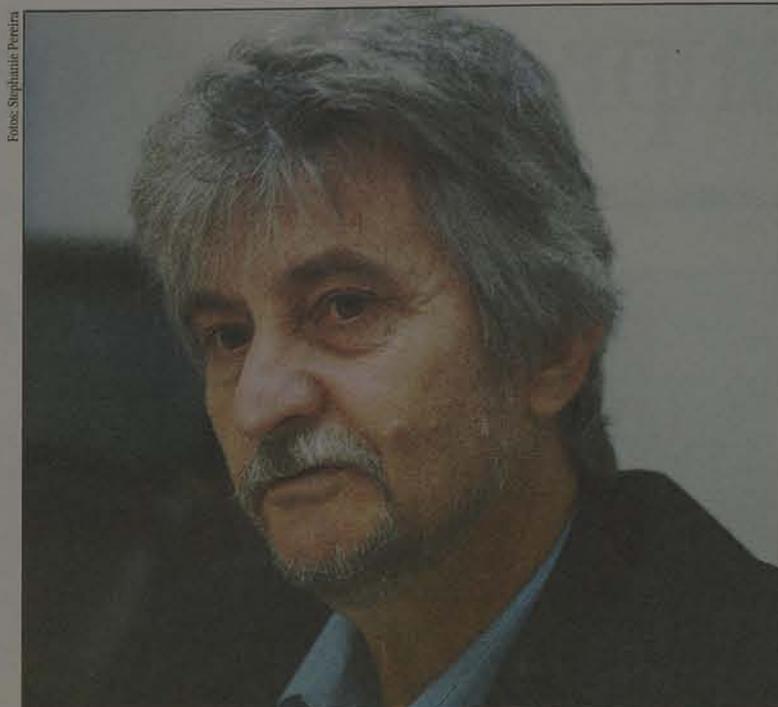
Lúcio José Botelho (2004-2008)

“A palavra no núcleo da gestão é pró-atividade”

Candidato pretende trabalhar com urgência e utilidade

É de Brasília”, avisa o candidato a reitor Dilvo Ilvo Ristoff antes de recusar uma ligação que lhe importunou durante a entrevista para os repórteres do *Zero*. Na capital do país, ele já foi diretor de Estatística e Avaliação da Educação Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Ristoff respondeu às perguntas em uma sala do CCE, acompanhado por seu vice, Rogério Bastos, que durante todo o tempo anotou as questões em seu iPad. A universalização dos tablets, aliás, é uma das suas propostas.

Dilvo é professor do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras. Graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), fez mestrado na UFSC e doutorado na University of Southern California. Já foi diretor do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) e pró-reitor de Ensino e Graduação na UFSC. Suas boas relações com o Partido dos Trabalhadores (PT) e com o ministro da Educação Fernando Haddad lhe renderam a indicação para ser o reitor temporário da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) enquanto a instituição estivesse em processo de criação.



Ristoff: “Novos campi devem ter projetos de consolidação”



Qual é, na visão do senhor, o papel de uma universidade?

Fazer avançar o conhecimento em todas as áreas. Significa produzir o conhecimento e disseminar o conhecimento. Acho que, resumidamente, essa é a função de todas as universidades do mundo. Produzir e disseminar saber, ponto.

Qual é o papel do reitor no incentivo a essa disseminação?

Eu acho que o reitor é o grande timoneiro desse processo, na medida em que ele deve reunir um conjunto de habilidades. Uma habilidade política, de relacionamento com a sociedade e também com o governo para conseguir garantir os recursos para que os pesquisadores possam, por exemplo, desempenhar bem as suas funções; uma habilidade administrativa para garantir que eles possam fazer aquilo que é sua atividade fim da melhor maneira possível, aproveitando plenamente o seu potencial; e uma habilidade acadêmica que mostre sensibilidade com as diferentes naturezas dos projetos. Reunindo essas três habilidades, a outra coisa que o reitor pode fazer muito bem é não atrapalhar, para que as atividades de ensino, pesquisa e extensão possam se desenvolver da melhor maneira possível.

Em relação ao orçamento, como o senhor acha que tem de ser a relação com as fundações?

As fundações têm um papel importante na agilização dos processos na

Universidade. Tivemos momentos em que as fundações não eram credenciadas pela Universidade e não havia regras muito claras e daí que vem a crítica. Em algum momento elas se hipertrofiaram e começaram a interferir inclusive na política institucional. Mas eu acho que hoje essa é uma questão superada. Acho que agora nós temos uma possibilidade de caminhar tranquilamente com as fundações fazendo aquilo que elas devem fazer, que é servir de apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão.

Como levar as pesquisas feitas na universidade para fora dela, para a comunidade, tornando-as relevantes?

Eu não acho que é uma questão de levar, eu acho que é uma questão de uma via de mão dupla. Você manter um contato com a sociedade não é imaginar que a sociedade saiba que tipo de pesquisas nós fazemos nas diferentes áreas, porque ela não sabe. E nós não sabemos quais são as demandas da sociedade. Se nós soubéssemos, nossas pesquisas talvez fossem bastante diferentes, mas fica uma ressalva. O mercado nem sempre tem as respostas para o avanço do conhecimento, ele vai ter algumas questões sobre as suas necessidades imediatas, mas o conhecimento precisa avançar. Por isso que a gente tem que ter cuidado para não ser nem imediatista, nem utilitarista, mas que a gente trabalhe também com utilidade e também com urgência. A partir daí, minha palavra na administração

chama-se pró-atividade. Esse eu acho que é o cerne de tudo. Não podemos achar que as pessoas vão entrar na nossa página da internet porque nós somos bonitos ou grandes. Nós temos que fazer com que elas tenham interesse em nos buscar. A comunicação entra como um elemento fundamental. O sujeito não pode ter um jornal



“Queremos que todos usem tablet porque essa tecnologia vai renovar o ensino”

que participe ativamente da vida da sociedade. É... nós temos que mudar bastante.

Sobre a segurança no campus: se estamos com problemas nessa área, como fazer para corrigir essa questão?

Muitas coisas. Nós temos que ter, em primeiro lugar, uma política de segurança global com a instituição. Essa política de segurança passa, inclusive, por uma participação da comunidade na segurança. Significa um trabalho junto também com a segurança da cidade. Nossa segurança cuida do campus, mas o campus não se encerra exatamente onde a gente acha que se encerra. Nós já pensamos no mercado Comper como parte do campus. Também temos que trabalhar internamente a segurança. Nós temos um grupo de seguranças no quadro que se sente profundamente desvalorizado no seu trabalho. Mas passa por questões de iluminação também, eu me incomodo, por exemplo, com essas questões simples.

A UFSC criou diversos campi no interior do estado. Como gerir uma universidade que está se interiorizando?

O tratamento dos campi tem que ser idêntico ao tratamento aqui dentro. Nós temos que ter projetos específicos de consolidação desses campi. É o que eu estou chamando de PECC, Projeto Específico de Consolidação dos Campi. Precisa ter porque tem recursos próprios para isso. Quando eu fui

reitor da Fronteira Sul, nós deixamos tudo pactuado até 2013, então eu sei exatamente quanto dinheiro o MEC tem que repassar para a universidade nesse período para a construção disso, construção daquilo.

Uma das suas propostas é em relação ao tablets, o senhor poderia falar um pouco mais sobre o projeto?

Nós vamos universalizar o acesso aos tablets. Nós entendemos que essa é uma tecnologia que vai revolucionar a forma como a gente acessa a informação e trabalha a informação. Nós podemos hoje chegar ao primeiro ano da faculdade e você pode ter o currículo do curso e a bibliografia do curso no seu tablet. A facilidade de acesso à informação se tornou tão grande que nós não temos como ficar perdendo tempo com a busca de informação, não há mais razão. Então eu acho que hoje nós temos que passar por esse novo momento. Fazer com que todos comecem a usar essa nova tecnologia porque ela vai revolucionar o ensino. Com a informação tão disponível, nós podemos nos dedicar hoje a coisas mais essenciais: análise, síntese, interpretação, produção de inferências, juízos, avaliação, as coisas que a máquina ainda não faz tão bem.

Gian Kojikovski
gian.kojikovski@gmail.com
Mariana Della Justina
marianadellajustina@gmail.com
Thiago Moreno
thiagobmoreno@yahoo.com.br

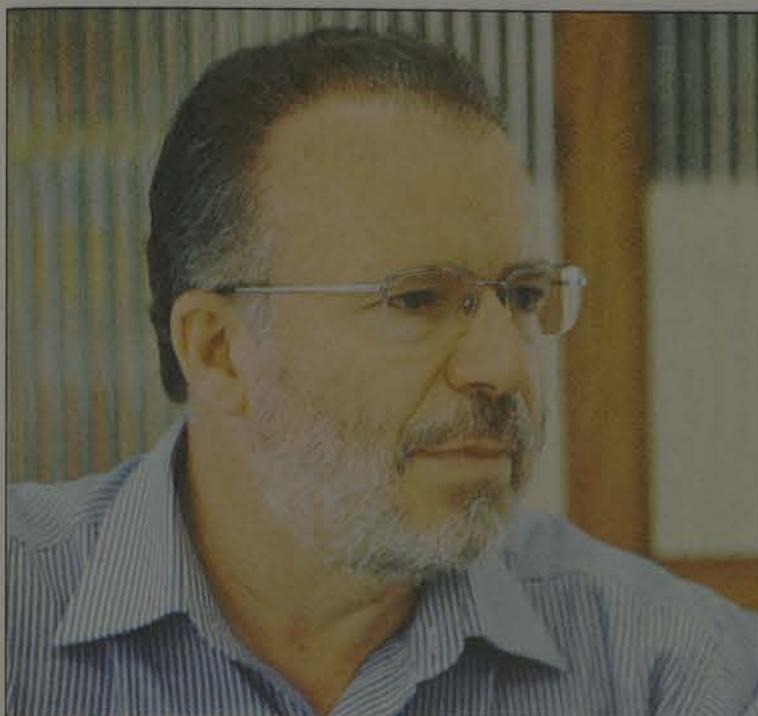


Foto: Rafael Spricigo

“Há um quadro geral de desmotivação na UFSC”

Perfil administrador se reflete em diferentes propostas

Irineu Manoel de Souza é professor do Centro Sócio-Econômico, no curso de Administração. Sua carreira na UFSC começou em 1974, como servidor técnico-administrativo. Hoje, 37 anos depois, ele conta com um doutorado em gestão do conhecimento e especialização em gestão de universidades públicas.

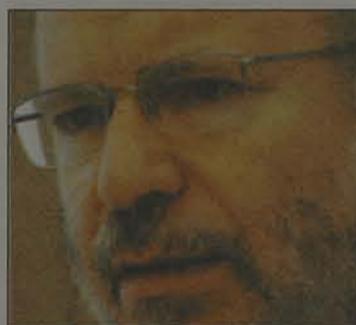
As propostas do candidato são pautadas em quatro dimensões: a administrativa, a acadêmica, a humana e a político-social.

No campo administrativo, ele defende a modificação e

a flexibilização da estrutura universitária. Na acadêmica, propõe a rediscussão do Reuni. Na área humana, acredita que falta valorização do ensino e das pessoas. E por último, a dimensão político-social, onde quer buscar mais autonomia para a UFSC e uma relação mais próxima com a sociedade.

Para ele, a gestão universitária deve ser mais profissional, preenchendo os cargos com pessoas competentes. Na chapa, Carlos Antônio Ramirez Righi, professor do departamento de Expressão Gráfica, do Centro de Comunicação e Expressão, é o vice.

Ajuste nos horários dos técnico-administrativos é prioridade



Por que o senhor deseja ser reitor da UFSC?

Tanto na graduação como no mestrado e doutorado, estudamos questões ligadas à universidade. Por meio de pesquisas observamos uma série de disfunções: a desvalorização da graduação e a gestão amadora são exemplos disso. Hoje, são inexistentes as pesquisas profundas na área, além de haver pouca literatura sobre gestão de universidades. A minha vontade de ser reitor vem do desejo de repensar toda a gestão universitária e apresentar uma nova pauta nessas dimensões. Mostrar que a universidade existe para atender a comunidade, ter a preocupação da qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão. Dar um novo impulso.

Para o senhor, qual é o papel da universidade hoje?

A universidade tem o dever de interferir nas políticas públicas. Intervir nas políticas de segurança, de saúde, estudar e trabalhar os entornos. O papel da universidade é transformar a sociedade, por isso ela precisa estar envolvida com políticas sociais. A nossa proposta é a de que todos os professores da rede municipal e estadual tenham direito de ingressar na universidade sem ter que prestar o vestibular. Se eles são professores da rede e não tem formação, então farão a Licenciatura aqui. É uma forma de inclusão e de contribuir com a política social e de participação na educação, pelo menos em Santa Catarina.

Seria possível incluir essas propostas e criar um novo projeto de vestibular com apenas uma universidade?

A UFSC possui cerca de 800 vagas semestrais que não são preenchidas e aproximadamente 15 mil vagas em disciplinas isoladas. A universidade não consegue ter uma gestão eficaz em relação à comunidade que não quer fazer um curso superior, mas que poderia vir aqui estudar saúde pública, ou como administrar um posto de gasolina ou como trabalhar no comércio. Existem diversas disciplinas que as pessoas poderiam vir até aqui e estudar. Quando eu estava na direção do Departamento de Administração Escolar [DAE], iniciamos um trabalho para tentar aproveitar essas disciplinas que sobravam semestralmente para que a comunidade pudesse estudar. É possível aceitar a matrícula sem vestibular de professores da rede municipal e estadual.

O senhor acabou de falar dos vários papéis da universidade. A partir disso, como o senhor percebe a UFSC hoje?

A universidade não está sabendo utilizar seu potencial. A gestão da universidade não consegue reunir as competências para melhorar. Há um quadro de desmotivação geral dos professores, servidores e estudantes. A universidade não está conseguindo desenvolver o seu papel efetivo na sociedade, e também, claro, pensar na internacionalização, pensar nos desenvolvimentos das ciências.

Quais seriam seus primeiros passos se fosse eleito para assumir a reitoria?

Anunciar o vestibular gratuito. As taxas acadêmicas, como a de matrícula e de requerimento, também são dispensáveis. Elas representam 0,001% do orçamento da universidade. Essas taxas burocráticas significam pouca coisa para a universidade. Depois, pensamos em regulamentar os horários dos servidores técnico-administrativos



“Para o candidato, é muito fácil dizer que vai aumentar as verbas”

e também o pagamento da gratificação para os coordenadores de curso de graduação. Em seguida, criaremos a Pró-reitoria de Extensão e buscaríamos formas de institucionalizar o trabalho conjunto que a universidade deve ter com a sociedade.

O senhor pretende aumentar o vínculo com a comunidade por meio de uma pró-reitoria de extensão. Como ela funcionaria?

A pró-reitoria de extensão vai se dedicar somente à extensão. O objetivo é criar uma estrutura mínima que possibilite o desenvolvimento de políticas públicas que vinculem a sociedade com a UFSC. Teremos um pró-reitor que vai fazer parte do conselho universitário, haverá uma matriz orçamentária e uma distribuição para pesquisa e para extensão dos recursos.

Por que oficializar a jornada de seis horas dos servidores?

Devido à própria especificidade do curso, alguns departamentos mantêm horários diferenciados. Uma parte dos servidores trabalha no período da manhã, outra no da tarde ou da noite. Além disso, há jornadas de seis e de oito horas. Com essa diferença, o pedido de transferência para outros setores é recorrente. A aplicação de uma jornada igualitária - de seis horas - traz equilíbrio e acaba com os pedidos de remanejamento.

O senhor falou em transparência. Como fazer esse processo dar certo?

É muito comum, nas retóricas, as pessoas falarem que tem transparência. O que nós precisamos fazer é melhorar a política de comunicação. Por exemplo, a sociedade sabe o que a universidade faz? Não sabe. É essencial que o pesquisador acadêmico, o professor, o doutor, desenvolvam um trabalho em parceria com o pessoal da comunicação social para tornar eficiente essa transparência. É preciso mostrar para a sociedade o que estamos pesquisando, o desenvolvimento de uma determinada linha de trabalho, etc.

Qual sua posição com relação às políticas do Governo Federal em relação a “Assistência Estudantil”, que engloba a Biblioteca Universitária, Restaurante Universitário e Moradia Estudantil?

É muito fácil o candidato afirmar que vai aumentar as verbas. Acho que não é por aí. Claro que o valor é pequeno, mas o que precisamos é de uma discussão sobre o que a universidade pode viabilizar. É indispensável discutir o orçamento de uma forma mais transparente. Esse processo de conversa deve visar o equilíbrio, a equidade na distribuição dos recursos. Sim, é possível reajustar os valores, mas primeiro precisamos avaliar, verificar de onde vem o recurso e distribuir melhor o dinheiro.

Carolina Dantas
dazevedo.carolina@gmail.com
Rafael Spricigo
rafelspricigo0@gmail.com
Thayza Meizer
meizer.th@gmail.com

“É preciso uma política assumida por toda UFSC”

Perspectiva de conjunto deve partir da integração ética

Fernando Kinoshita não é exatamente o que se espera de um candidato ao maior cargo de uma universidade cujo orçamento anual chega à casa do bilhão. Quando o professor encontrou a equipe do *Zero*, trajava colete cinza sobre a camisa polo branca, com um lenço enrolado ao redor do pescoço, e segurava uma pequena flor roxa que levava para casa para fazer um arranjo. A entrevista aconteceu em uma das mesas de xadrez próximas ao Centro Sócio-Econômico (CSE), sob a proteção necessária da sombra

de uma árvore. Coordenador de Pesquisa do Centro de Ciências Jurídicas (CCJ), o candidato entra na sua segunda disputa pelo cargo mais importante da Universidade Federal de Santa Catarina, após tentativa mal-sucedida em 2007. Desta vez, Kinoshita apostou em uma estratégia diferente, inscrevendo sua chapa pouco tempo antes do prazo exigido com o objetivo de surpreender seus adversários. Seu plano deu tão certo que até uma servidora do próprio CCJ ainda não sabia de sua candidatura, no prazo final das inscrições.



Último a inscrever chapa, candidato aposta em fator surpresa



Apenas 5% do orçamento da UFSC são investidos em Pesquisa e Extensão. O senhor não acha que esse número é insuficiente?

Acho que muito já foi feito e é importante que reconheçamos o valor. A nossa chapa, Integração Ética, entende que também podemos e devemos identificar e criar oportunidades de captação de recursos financeiros e não financeiros, tanto nacionalmente como internacionalmente. Nós temos de buscar alternativas e conectar não só o setor privado, mas a sociedade civil como um todo. Essa relação entre a universidade e outros setores deve ser mais explorada, mas existe o grande desafio cultural de ultrapassar esse distanciamento. Lados negativos entre as partes geralmente são os primeiros a aparecer, mas a partir dos lados positivos podemos reduzir e eliminar os negativos.

De que forma esse feedback pode ser aplicado à continuidade administrativa, já que a cada quatro anos há mudança na gestão universitária?

A continuidade nós acreditamos que seja possível quando temos uma perspectiva de conjunto a partir da palavra “integração”. Ela é a chave. Precisamos de uma política que seja assumida por todos. E basta deste distanciamento, quando a vida e as mudanças climáticas nos ensinam que há uma interdependência entre nós. Aqui, nós precisamos não de uma política de governo, de quatro anos, mas de uma política de Estado, verdadei-



ramente democrático, sem exclusivismos, sem partidarismos, sem egocentrismos exagerados, sabe? Que funda a todos nós, a partir dessa palavra: integração. Ética. Ética, ética, ética.

O que é, precisamente, a integração ética à qual o senhor se refere? Integrar significa unir. Não é muito complicado. Parte do reconhecimento necessário dessa desintegração, dessa desunião, dessa fragmentação que nos limita dentro da universidade. E a ética é algo que deve permear tudo. E aí se deve perguntar: o que é ética? E essa pergunta, eu deixo para o leitor e a leitora.

Tudo bem professor, mas nós precisamos saber qual o seu conceito de ética.

Não, eu penso que não. Eu quero estimular a reflexão. Não vou passar mastigado, não. Com todo o respeito a vocês. E que os outros candidatos estudem.

Mas o senhor tem esse conceito formado?

Esse conceito, sim. Nós temos. Claro que nós temos. E tudo está aí. O conceito de ética está aí.

Quando o senhor diz para cada um refletir sobre sua ética, a sua é diferente da dos outros?

Não.

O senhor já concorreu nas últimas eleições. Acredita ter chances reais agora?



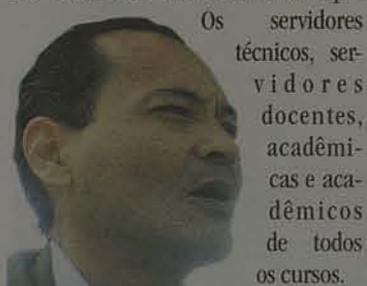
Nós acreditamos, verdadeiramente, e estamos convencidos de que sim.

Por quê? O que mudou nesses quatro anos?

O que mudou? Nós evoluímos ainda mais e acreditamos que conscientemente e inconscientemente todos nós evoluímos, para melhor.

Mas professor, nosso leitor vai querer saber o que você, como candidato, evoluiu?

Não se trata de mim, porque uma eventual autoridade a ser concedida emana não de mim, emana de vocês. Todo o poder emana do povo. E o povo são todos esses seres humanos aqui.



Os servidores técnicos, servidores docentes, acadêmicas e acadêmicos de todos os cursos.



Então a evolução nesses quatro anos, que faz você acreditar na eleição, é mais de quem vota do que sua?

Claro. Quem é que elege? Eu me auto-



elejo? Não. São as pessoas que votam que elegem.

O que o diferencia dos outros candidatos? Por que o eleitor mais esclarecido nestes últimos quatro anos deve votar em você?

Pelo livre arbítrio dele e dela. Liberdade.

Mas esta é uma diferença de quem vota, não sua.

Não se trata de um candidato x ou y. Trata-se das ideias. Nós acreditamos nas nossas, sem desmerecer as dos outros. Nós acreditamos que as nossas ideias apresentam as melhores credenciais. Por convicção, por estudo, por pesquisa, por um amplo processo de discussão que não é algo que vem de um afogadilho, e sim de anos. E nos colocamos à disposição de toda a comunidade da UFSC.

Mais do que acreditar é preciso fazer com que quem vota também acredite. Como o senhor faz para isso acontecer?

Vamos fazer assim [fala colocando as mãos sobre os ombros do repórter], com contato. Nós vamos ter vídeos com nossas propostas, de forma mais detalhada, sem limites de palavras e contamos também com os debates. Como eu já disse para vocês em “off” [ri e faz o sinal de áspas com as mãos], o período eleitoral, de consulta pública, demora geralmente três meses. Este aqui vai demorar um mês. Então, o maior desafio é como conceder a liberdade de pensamento ligado com o direito à in-



formação que de certa forma está limitado. Por A por B por C, por N motivos que não vem ao caso aqui. Que essas pessoas saibam da limitação de tempo, isso não é normal. E que pensem cada um por si.

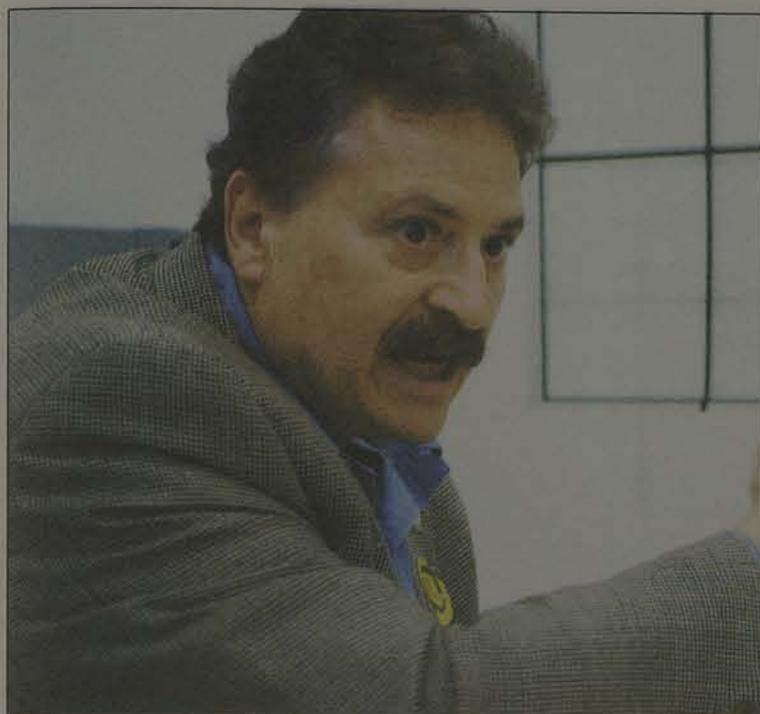
E isso prejudicou o senhor?

Olhe, não quero focar em aspectos negativos. Eu quero ver as melhores oportunidades e trabalhá-las. Eu não estou aqui para reclamar, estou aqui para trabalhar. Eu sou pago para isso, por vocês.

Por estratégia, o senhor lançou a campanha no limite do prazo. Qual foi o objetivo da chapa com isso?

Depende do olhar, da abordagem que a pessoa faz. Você pode optar, a partir de uma análise de x variáveis, o que você vai fazer. Alguns optaram, ao analisar suas próprias variáveis, em tomar uma posição com x dias de antecedência, com tais manifestações. Outros, analisando suas características, analisando as características ambientais, analisando, enfim, a essência da estratégia a ser adotada, entraram no certame em outro tempo. Agora, o fato de um ter lançado agora, outro lá, outro aqui, depende da sua estratégia, cada chapa tem a sua. Então, causou surpresa? Ótimo, primeira vitória.

César Soto
cesarotos@gmail.com
Erich Casagrande
erichbrasil@hotmail.it
Gabrielle Estevans
gabrielleestevans@hotmail.com



Fotos: Giovanni Bello

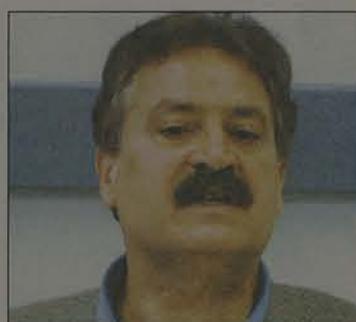
“Reitor tem que ter visão ambiciosa e utópica”

Professor quer mais verbas e políticas de permanência

Carlos Alberto Justo da Silva, conhecido como Paraná, chegou 45 minutos atrasado à conversa com a equipe do *Zero*. A entrevista foi realizada no comitê eleitoral, onde servidores e estudantes trabalhavam. Candidato à reitoria pela chapa UFSC Sem Fronteiras, afastou-se do cargo de vice-reitor da UFSC para concorrer. Defende o REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), é contra a privatização do Hospital Universitário e considera as festas um momento importante de socialização. Sua proposta

é que elas sejam realizadas dentro do espaço ocupado hoje pelo RU. Graduado no curso de Medicina da UFSC em 1977, fez mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Vinte anos depois de começar a graduação, fez doutorado na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Durante toda a vida esteve ligado à medicina e tem experiência na área de Cirurgia Experimental e gestão hospitalar. Foi coordenador do curso de Medicina, diretor do Centro de Ciências da Saúde (CCS) e do HU. O resultado de mais de uma hora de entrevista, você confere em seguida.

Para candidato, campus não pode mais crescer sem qualidade



Sobre as questões voltadas à permanência do aluno na universidade, como moradia estudantil, BU e RU, acredita que os recursos atuais são suficientes para manter essa estrutura?

Recurso financeiro nunca é suficiente. Só pra esse ano a UFSC teve um orçamento de aproximadamente 20 milhões de reais para construção, bolsas, funcionamento e restaurante. É suficiente? Eu me inclino a dizer que não. Com as ações afirmativas, espera-se que até 30% de alunos tenham vulnerabilidade social. Então, não basta você ter políticas no vestibular de inclusão, você precisa ter políticas de permanência e flexibilidade de recursos para oferecê-las. Com o desafio de expansão, sempre vamos necessitar de mais recurso, e vamos ter que tratar estes recursos da melhor forma possível.

Qual a sua posição sobre o REUNI? O senhor consegue elencar pontos positivos e negativos?

Se formos pensar REUNI como melhoria nos processos e ampliação dos espaços e cursos, esta universidade desde que foi fundada faz REUNI. A única diferença é que agora houve um apoio financeiro para que esta expansão aconteça, diferente do passado que tudo era feito sem essa verba. Pode ser que o programa acabe, mas ações de reestruturação e ampliação sempre vão existir na UFSC. O maior ponto positivo do REUNI é poder avançar com a inclusão, afinal a cada ano mais 2 mil novos alunos

podem entrar na universidade. Então, se eu fosse dizer quais são os aspectos negativos do REUNI seria que nem sempre conseguimos dar as respostas que nos demandam em um tempo que gostaríamos.

Qual o papel que a universidade tem na sociedade democrática contemporânea, do ponto de vista da produção e disseminação de conhecimento socialmente relevante?

Vejo a UFSC como um grande papel no estado, formador de cidadania e nacionalidade. O que queremos é que a universidade dê respostas de soberania e, é claro, de cidadania. Formação de pessoas que utilizem essa nova ciência e tecnologia, valorizando a questão de humanização das tarefas é super importante. Uma universidade com esses valores é o que me interessa.

Qual é a importância dos novos campi para o ensino superior em Santa Catarina? E quais seriam os méritos e os deméritos dessa nova implantação?

Eu só tenho avaliações positivas. Primeiro: A UFSC deixa de ser uma Universidade Federal de Santa Catarina pra ser uma Universidade Federal em Santa Catarina, já que hoje ela não é só em Florianópolis, mas nas outras regiões também. A escolha das cidades levou em conta as regiões com menor IDH, para que dessa forma a UFSC pudesse ajudar o desenvolvimento econômico e socioambiental

daqueles lugares. Pensamos que Tecnologias da Informação, por exemplo, ajudaria na criação de pequenas empresas e pólos de desenvolvimento em Araranguá.

Os servidores do HU fizeram vários processos contra o projeto de lei 79, que prevê a criação da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares.

A posição do senhor e m



“A discussão é descobrir se a privatização é melhor ou pior para o HU hoje”

relação a lei é a favor ou contra? E quais seriam suas propostas como reitor para o HU?

A minha posição a respeito da lei é pública. Tenho sérias restrições à empresa. A discussão não é pela privatização, mas em descobrir se a empresa é melhor ou pior para o hospital hoje. No meu ponto de vista, o HU tem que estar ligado à universidade. Uma empresa é 25% mais cara do que uma autarquia. Uma instituição que não tem recursos agora, não pode ficar 25% mais cara. Diz-se que a empresa viria pra resolver o problema de contratação de funcionários, o que também não é verdade, já que os hospitais não têm recursos adequados para fazer as contratações.

Qual é a relevância da relação público x privada, e como manter a transparência no contato com as fundações?

As fundações são instrumentos jurídicos perfeitos, mas eles são dirigidos por pessoas que nem sempre são adequadas para que essas instituições atinjam seus objetivos. Mesmo assim, continuo achando que a melhor maneira de o Estado se relacionar com a sociedade deve ser através do controle social. É cada vez maior a importância de intermediação das relações de controle da população feitas pelas fundações. Na UFSC, conseguimos aumentar o grau de transparência quando elas prestam contas ao Conselho Universitário, por exemplo. O Ministério Público também é atuante na vigilância.

E olhando para a perspectiva de futuro da universidade, como conduzir a UFSC nos próximos anos, considerando a sua atuação cada vez mais ativa nos diversos setores da sociedade?

Acho que quem ser reitor da UFSC tem que ter uma visão ambiciosa e utópica, aparentemente. O estado brasileiro quer ter, pelo menos, uma universidade entre as cem melhores do mundo. A minha expectativa é que seja a UFSC. Nos próximos cinco, dez anos não vai ser eu que vou fazer. Vou pegar esse bastão que está sendo passado com muita qualidade, vou dar “um duro” de correr em quatro [anos] para passá-lo ao próximo reitor e esperar que ele corra mais quatro anos. Quando a gente atingir esse objetivo estaremos com a missão cumprida.

Estudos do mundo inteiro mostram que o que se pode fazer com um indivíduo entre 18 a 24 anos é mantê-lo em processo formação e educação. O que melhor se pode fazer para o futuro do seu país é manter a sua juventude em formação. Um país que tem só 3% dos seus alunos nesse processo vai ter dificuldades no futuro. Uma instituição como a nossa, que possa dar conta da melhor maneira possível, é o meu desafio e o meu papel perante o estado e a sociedade.

Ingrid Fagundes
ingrid.fagundes@gmail.com
Mariana Chiré
chiremariana@gmail.com
Stephanie Pereira
stephanie.idn@gmail.com

“Ausência de democracia nos conduziu às eleições”

Candidata promete administração mais transparente

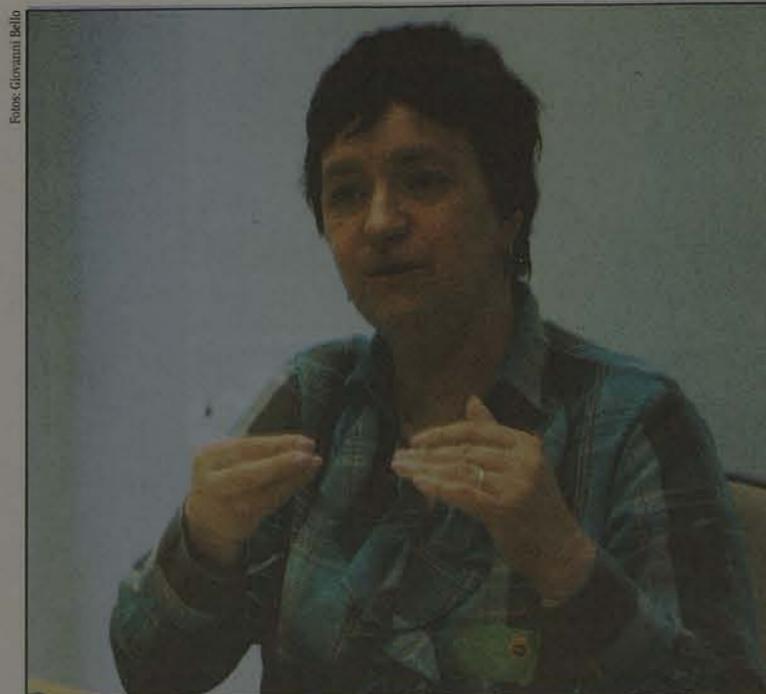
A professora Roselane Neckel recebeu a equipe do Zero na sala de reuniões da direção do Centro Tecnológico (CTC).

“Nós tínhamos três possibilidades: ou atendíamos vocês na direção do CFH [Centro de Filosofia e Ciências Humanas], ou na direção do CTC, ou debaixo da ponte. Como não tem ponte na UFSC...”, a diretora do CFH desde 2008 não tem um comitê e reclamou da falta de apoio da universidade às questões eleitorais.

Doutora em História do Brasil pela PUC/SP, Neckel

diz não misturar questões políticas com assuntos institucionais e não trabalhar com troca de favores e promessas. Com o tema “A UFSC que queremos”, une-se a Lúcia Pacheco, candidata a vice-reitora, com a proposta de levar mais democracia e transparência aos processos da universidade.

Ao responder a uma crítica de que sua chapa era a “mais radical” entre as cinco, Neckel defende que, se sua campanha é radical, é radical na defesa da probidade administrativa, no bom uso do dinheiro público e na boa gestão administrativa interna.



Neckel: “O que temos hoje são decisões de cima para baixo”



Por que ser reitora?

A nossa candidatura foi construída a partir da vivência com diretores de centros de ensino. Ser reitora não é uma vontade pessoal. Fomos convidadas para representar um conjunto de pessoas preocupadas com o destino da universidade. Foram as experiências vividas no fórum de diretores com foco administrativo que constituíram nossa candidatura. Em vários momentos apontávamos questões como a importância de uma reestruturação de gestão. Colocar de forma transparente o dimensionamento de pessoas na UFSC: onde estão, o que fazem e quais foram os critérios para a sua distribuição. É isso que gostaríamos de ver na universidade daqui a quatro anos: transparência, ética, critérios institucionais discutidos em conjunto e criação de mecanismos de tomada de decisões democráticos. Foi por falta de democracia que decidimos colocar as questões na mesa.

Quais são os pontos específicos onde falta democracia nas decisões institucionais?

O que temos hoje são tomadas de decisão de cima pra baixo. Não envolvem, não dialogam e não percebem o que as pessoas têm a dizer sobre determinados assuntos. Exemplos. O sistema UFSC sem papel. Em outubro de 2010 recebemos um memorando dizendo que ele seria implantado quando todas as pessoas fossem capacitadas. A instalação foi feita em pleno processo de trabalho e no início das aulas de 2011. Há falta de comunicação insti-

tucional. A definição, por exemplo, do ponto eletrônico. A implantação foi feita em julho, no apagar de luzes das férias, sem dizer pra ninguém. Não se fez qualquer reunião para apresentar aos técnicos administrativos por que eles teriam que colocar o dedo no ponto. Se não houver um processo de diálogo, as pessoas vão apenas mudar a forma de trabalhar. Podem utilizar o ponto eletrônico, mas fazer mil outras coisas, menos ter comprometimento com a UFSC.

Como as políticas de assistência estudantil podem ser melhoradas?

Temos uma estrutura administrativa interna incompatível com uma expansão de qualidade em todos os campi. Estamos falando de definir claramente quais são as prioridades institucionais. Políticas de permanência: quais são as demandas referentes à PRAE? Quais são os critérios para distribuição de recursos? Dependem. Uns recebem tanto, outros recebem outro tanto.

Quando se tem tantos recursos, é preciso distribuí-los com equidade. O que não significa tratar os diferentes como iguais. Temos alunos com fragilidade socioeconômica. Como ter uma política de ações afirmativas aprovada em Conselho Universitário [CUn] sem ter uma visão de gestão que considere que, junto às ações afirmativas, devem vir as condições de permanência?

Como a administração deve li-

dar com o fato de que o campus Trindade não tem muito mais pra onde crescer?

Temos pensado no planejamento institucional para os próximos 20, 30 anos. A UFSC recebe inúmeros terrenos em Florianópolis. Como é definida a utilização desses terrenos institucionalmente? Não temos essa clareza. Precisamos de uma boa estrutura de gestão interna, de pessoas e, para isso, precisamos



“Entendemos que a formação dos jovens não se dá somente entre quatro paredes”

mostrar para o governo, que é quem libera os recursos, que estamos trabalhando. Isso é a base de tudo. Todos queremos a expansão de vagas no ensino público e ela deve vir junto à qualidade.

Acreditamos que a mesma formação que se tem no campus Trindade é a formação que se deve ter nos demais campi. E isso significa fazer uso da autonomia universitária para estabelecer que nossas prioridades são iguais para toda a UFSC. Senão, como brincou um professor em uma reunião, ‘é preciso estabelecer uma política institucional que evite transformar os estudantes de Florianópolis em príncipes e os demais em plebeus’. Esse é o grande desafio da universidade nos próximos anos.

O REUNI entra na questão de acesso e permanência. Qual é a sua visão em relação ao programa?

O REUNI é muito importante para as instituições públicas quando se compara com o que havia antes. Existia um conjunto de políticas que favorecia o aparecimento de universidades privadas. Hoje, existe uma política de reestruturação das universidades baseada na liberação de recursos para a expansão de vagas. Isso era uma luta de inúmeras pessoas: o fortalecimento da universidade pública. O nosso grande desafio é transformar esse apoio em um trabalho com resultados qualitativos para a comunidade. Isso significa ter claro que quando se tem a expansão de vagas, ela deve vir

acompanhada da qualidade do trabalho realizado.

Qual sua opinião sobre as festas no campus da UFSC?

Fui presidente do primeiro grupo que discutiu a resolução de festas no CUn. Em 2009, nossa proposta já era a criação de um espaço fechado para a realização de eventos, entendendo que a universidade é diversa. Temos alunos com vários perfis socioeconômicos e nem todos têm condições de alugar espaço para a realização de confraternizações. Isso leva a uma reflexão sobre o que a criação de espaços de convivência representa para os alunos. Temos uma política cultural, o DAC [Departamento Artístico Cultural], o Centro de Eventos e não temos programações públicas para nossos estudantes. É preciso considerar que há uma comunidade que está no entorno da UFSC e reclama das grandes festas na universidade. Vamos manter a realização das festas no formato em que estão? Não. Porque não há condições, inclusive estruturais. No entanto, apenas proibir festas não garante de forma alguma que elas não acontecerão. Não temos uma visão assistencialista, e sim uma forma de entender que a formação dos jovens não se dá apenas entre quatro paredes.

Luisa Pinheiro
luisapsilveira@gmail.com
Marília Labes
mariliagold@gmail.com
Murilo Bomfim
muriolobraga@gmail.com

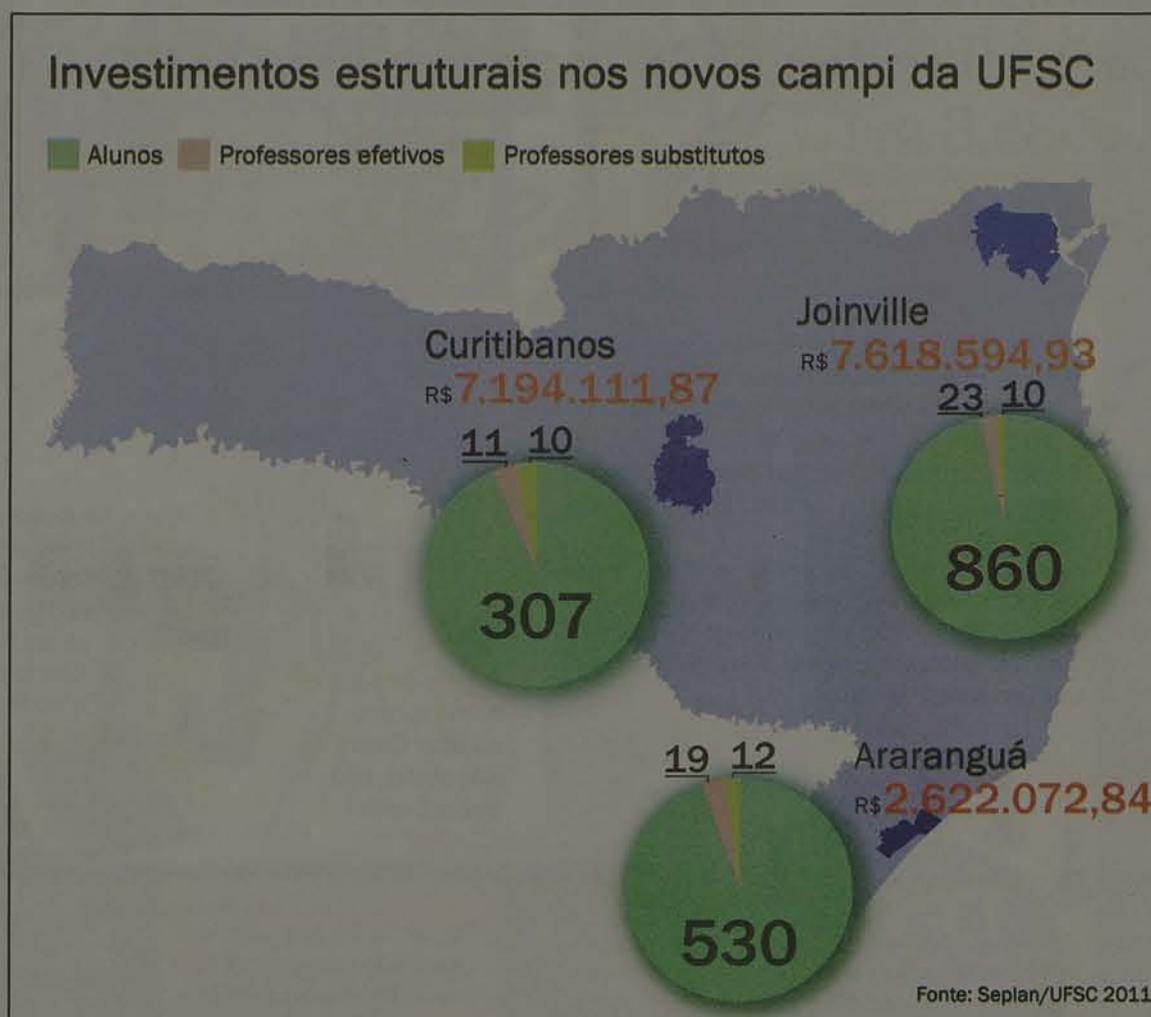
Expansão esbarra em falta de planejamento

Insuficiência de recursos, professores e técnicos dificulta o avanço da universidade no estado

Dobramos a capacidade da UFSC sem ter um planejamento, agora estamos tentando consertar o passado." Assim o secretário de planejamento da universidade, Luiz Alberton, tenta explicar a falta de infraestrutura nos novos campi da Universidade Federal de Santa Catarina, localizados nas cidades de Araranguá, Curitibanos e Joinville. São R\$ 17 milhões de reais destinados para novos prédios e móveis, mas muitas das obras ainda não foram concluídas. Quando a primeira turma de Engenharia da Mobilidade se dirigiu a Joinville, em 2009, o campus ainda não estava pronto. Somente na metade desse ano é que as obras se iniciaram. "As primeiras turmas que vieram pra cá sabiam que a UFSC ainda não tinha um espaço próprio", enfatiza a aluna do curso de Engenharia da Mobilidade, Maria Eugênia Linhares Cascaes.

Quando o problema da falta de estrutura foi diagnosticado, o Ministério Público Federal (MPF) questionou a construção dos campi e pediu que o vestibular fosse temporariamente cancelado. Em maio de 2009, todos os pedidos do MPF foram negados e o vestibular foi realizado. Para resolver provisoriamente a questão em Joinville, a UFSC firmou parceria de dois anos com a Universidade da Região de Joinville (Univille), onde loca o espaço físico e os serviços de limpeza, segurança e manutenção da instituição privada. O espaço conta com um auditório para 220 alunos, oito salas de aula, sala para os professores, secretaria, um laboratório de informática e um restaurante universitário. Aos alunos da UFSC, também é permitido utilizar a biblioteca da Univille. Retirar os livros em forma de empréstimos, no entanto, é proibido. De acordo com o pró-reitor de infraestrutura da UFSC, João Batista Furtuoso, a construção do prédio de Araranguá deverá ser finalizada até 2012. Três cursos já estão em andamento no local - Tecnologias da Informação e da Comunicação, Engenharia de Energia e Fisioterapia.

Um dos motivos que impedem a concretização estrutural da UFSC é o crescimento de mais de 100% na área da construção civil no Brasil. Orçamentos feitos em 2007 para edificações devem ter valores atualizados, o que atrasa o processo. O Departamento de Planejamento da UFSC foi criado em abril de 2009 e os novos campi representam menos de 30% da recente expansão da universidade nos últimos cinco anos. Outro campus, em Blumenau, está em pauta na universidade. Segundo Luiz Alberton, da Secretaria de Planejamento (SEPLAN), cinco pró-reitores da universidade estão reunidos para apresentar uma nova proposta para a cidade Blumenau até fim de 2011. Originalmente, a ideia é utilizar os prédios prontos da Universidade de Blumenau (FURB).



Má infraestrutura prejudica aulas

Em Araranguá, alguns alunos estão sem salas de aula, tendo que estudar em outras instituições, como na escola Maria Garcia Pessa. O professor do Curso de Tecnologias da Informação e da Comunicação, Anderson Luiz Fernandes Perez, confirma que a falta de estrutura vai além das salas de aula e algumas disciplinas não podem ser ministradas com a qualidade necessária devido à falta de laboratórios. Sobre a desconexão entre a implantação

dos cursos e a entrada dos alunos, João Batista Furtuoso, pró-reitor de infraestrutura da UFSC, diz que "em 2007, quando foram aprovadas as novas áreas para a universidade, em seguida foram abertas mais vagas para os campi. O Reuni é um plano de implantação imediata, mas a construção de novos espaços não".

Apesar do número de alunos em Joinville ser quase o dobro, o tamanho do corpo docente permanece não muito

distante de Araranguá. Os funcionários Luis Orlando Emerich, Emilio Paladino e Juan Salazar, de Joinville, confirmam a falta de novos professores. Anderson Perez diz que iniciou as aulas no primeiro semestre com 50 alunos e, atualmente, na 5ª fase, estão matriculados cerca de oito estudantes em sua disciplina. "Há um alto grau de desistência. Não somente porque há uma visível falha estrutural, mas também pela dificuldade das aulas."

Quadro de docentes é desafio no campus Curitibanos

O campus de Curitibanos surgiu em 2009, por reivindicações de setores sociais e entidades organizadas da região. Com o pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Santa Catarina, o município passou a fazer parte do processo de interiorização da UFSC, impulsionado pelo Reuni. Em uma área de 81 hectares, a universidade conta com a sede, com um espaço para o campus experimental agrícola e com uma futura instalação para a unidade de experimentação florestal. No campus sede, a universidade construiu um prédio com cinco mil metros quadrados onde foram instaladas dez salas de

aula, oito laboratórios, anfiteatro, sala de professores, salas administrativas e direção acadêmica.

Todo esse espaço atende, hoje, em média, 500 alunos, distribuídos entre os três cursos de graduação oferecidos, nas áreas de Ciências Rurais, Agronomia e Engenharia Florestal. Apesar de o campus de Curitibanos pregar a importância da universidade para a região, o município não recebeu seus alunos da maneira mais hospitaleira. O quadro de docentes também é um desafio, com 11 professores efetivos e dez substitutos, segundo dados da coordenadora de registros e atividades

docentes, Marlene Costa de Silva. O diretor geral do campus, Cesar Damian, acredita que a lentidão no processo seletivo atrapalha a universidade. "A morosidade da seleção de professores, por ser um processo criterioso, público e que deve ser feito com clareza, é o que dificulta o planejamento. No entanto, temos a promessa da administração central da UFSC de que as necessidades do campus serão supridas".

Verbas são limitadas

Depois de quase 50 anos centralizada, a UFSC expande seu campus, que esteve sempre estabelecido em Florianópolis. O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) investiu R\$ 43 milhões somente para a Federal de Santa Catarina, mas a SEPLAN acredita que, para a quantidade de investimentos em novos prédios, ainda é necessário buscar mais verbas com o Ministério da Educação (MEC). De acordo com Alberton, a meta

do Reuni era construir 5.000 m² para cada campus. "Parece muito, mas não é. Temos que construir uma reitoria nova, restaurante, biblioteca, espaço para prática de esportes, laboratórios, entre outras instalações. Somente a construção de novas salas de aulas não supre a necessidade dos novos campi, principalmente do maior deles, o de Joinville." Hoje, o planejamento para a construção estabelece pelo menos 10.000 m², reunindo verbas do Reuni e do Ministério da Educação.

Carolina Dantas
dazevedo.carolina@gmail.com
Gabrielle Estevans
estevans.gabrielle@gmail.com

O jogo das eleições

Infografia e texto:
Joice Balboa
 joicebalboa@gmail.com
Monique Nunes
 moniquepaloma@gmail.com

INVESTIMENTOS

R\$ **8,3 milhões**
Obras RU

R\$ **585,8 mil**
Auxílio Moradia Estudantil

R\$ **4,3 milhões**
Bolsa permanência



COMUNIDADE

43.963
Estudantes

1.884
Professores

3.172
Técnicos administrativos



BENEFÍCIOS

8,9 mil/ano
Atendimentos no Hospital Universitário

1,2 milhão/ano
Refeições no RU

718 mil
Exemplares na BU



No dia 17 de novembro, a comunidade universitária vai às urnas para escolher o próximo reitor. Após o encerramento da eleição, o Conselho Universitário se reúne para formar a lista tripartite de candidatos a ser enviada ao Ministério da Educação, indicando o nome mais votado. O ministro homologa e a presidente da República sanciona.

Alunos, servidores técnico-administrativos e professores podem votar e cada grupo corresponde a 1/3 dos votos. São eleitores todos os alunos que estiverem regularmente matriculados nos cursos de graduação, mestrado, doutorado e do Colégio Aplicação, com mais de 16 anos.



Os locais de votação serão definidos pela Comissão Eleitoral e divulgados nos sites www.comeleufsc.ufsc.br e no www.ufsc.br

Confira se o seu nome aparece na lista. Caso não esteja, não poderá votar.

13/10
Fim do prazo para inscrições dos candidatos



17/10
Comissão Eleitoral divulga quais os inscritos e o número de cada chapa



Período de campanha, quando são proibidos showmícios e apresentações artísticas em comícios.

Cada local de votação terá uma urna para alunos, uma para professores e uma para servidores. Cada urna terá três mesários: um aluno, um professor e um servidor

19/10
Designação da Comissão de Ética.

27/10
Comissão Eleitoral divulga a lista dos eleitores, em www.comeleufsc.ufsc.br e www.ufsc.br

Os mesários são escolhidos através de indicação do Diretor de cada Centro. Os alunos que quiserem, podem se voluntariar através de seu Centro Acadêmico.

Responsáveis por fiscalizar a propaganda dos candidatos, analisar denúncias de procedimentos ilícitos e enviar à Comissão Eleitoral um relatório final.

17/11
Primeiro turno da votação, das 8h às 21h



22/11
Prazo máximo para as chapas apresentarem a prestação de contas de suas candidaturas

30/11
Segundo turno da votação, das 8h às 21h

10/05/2012
Após a publicação no Diário Oficial da União, o candidato eleito toma posse

Se nenhuma chapa receber mais de 50% dos votos, será realizado segundo turno, do qual participarão somente as duas chapas mais votadas no primeiro turno.



A propaganda sonora pode ser feita diariamente, das 12h às 13h30 e das 18h às 18h30

CHAPA 1



Dilvo Ilvo Ristoff - CCE
 Vice: Rogério Bastos - CTC
www.dilvoreitor.org
 @dilvoreitor
 Dilvo Ristoff

CHAPA 2



Irineu Manoel de Souza - CSE
 Vice: Carlos Righi - CCE
www.irineureitor.tumblr.com
 Não tem site
 @fkinoshita
 Irineu Manoel de Souza

CHAPA 3



Fernando Kinoshita - CCJ
 Vice: Eduardo Lebre - CCJ
 Não tem site
 @fkinoshita
 Fernando Kinoshita

CHAPA 4



Carlos Alberto da Silva - CCS
 Vice: Vera Bazzo - CED
www.paranavera.com
 @paranavera
 Carlos Justo da Silva

CHAPA 5



Roselane Neckel - CFH
 Vice: Lucia Pacheco - CTC
roselane-lucia.blogspot.com
 @Roselane_Lucia
 Roselane Lucia Retoñia

Fotos: Erich Casagrande, Giovanni Belló, Rafael Spricigo e Stephanie Pereira

Fonte: Comissão Eleitoral; UFSC em números: relatórios de Gestão e de Atividades 2010/UFSC;